

José Virgílio Borges Pereira

Relatório de Disciplina

Provas de Agregação em Sociologia

**Departamento de Sociologia
da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

Julho de 2008

José Virgílio Borges Pereira

Relatório de Disciplina

[nos termos da alínea b) do artigo 5º do Decreto-Lei nº 239/2007 de 19 de Junho]

***Seminário
sobre área científica de especialização - II
Desigualdades, cultura e território
do Curso de Doutoramento em Sociologia***

**Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da
Universidade do Porto**

Julho de 2008

Índice

I) Um breve enquadramento	p. 4
II) Objectivos do Seminário	p. 7
III) Programa	p. 8
IV) Bibliografia geral	p. 9
V) Métodos pedagógicos	p. 10
VI) Regime de avaliação	p. 11
VII) Um olhar detalhado sobre o programa do Seminário	p. 12
Lição nº 1	p. 12
Lições nº 2 e nº 3	p. 20
Lições nº 4 e nº 5	p. 31
Lições nº 6 e nº 7	p. 46
Lições nº 8, nº 9 e nº 10	p. 61
Lição nº 11	p. 75
Lição nº 12	p. 80
Lições nº 13 e nº 14	p. 87

Seminário Sobre Área Científica de Especialização - II
Desigualdades, Cultura e Território
Curso de Terceiro Ciclo em Sociologia
Departamento de Sociologia da
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Docente: Virgílio Borges Pereira

Um Breve Enquadramento

Na sequência da reformulação curricular que a Universidade do Porto realizou ao longo dos últimos anos lectivos, a oferta universitária do Doutoramento em Sociologia pela Faculdade de Letras foi alvo de alterações e passou a estar integrada num Curso de Doutoramento. Integrado no quadro geral de referência da chamada Reforma de Bolonha do Ensino Superior, o Curso de Doutoramento em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) passou a estar dotado de uma parte escolar que, para além dos seminários de orientação de tese (organizados em regime tutorial), funciona com mais quatro unidades lectivas estruturadas em regime de seminário. Dois dos referidos seminários são dedicados à discussão e leccionação aprofundada da teoria e da metodologia sociológicas; os restantes dois seminários albergam um espaço científico e pedagógico para a leccionação de temas relativos à área de especialidade do Curso de Doutoramento.

O Curso de Doutoramento em Sociologia do Departamento de Sociologia da FLUP tem as suas áreas de especialização definidas em articulação com as linhas de investigação do Instituto de Sociologia da mesma Faculdade. Tem, por isso, quatro áreas especializadas, a saber: Desigualdades, Cultura e Território; Família, Envelhecimento e Género; Trabalho, Emprego, Profissões e Organizações; Globalização, Valores Sociais e Políticas Públicas.

Ao abrigo das direcções, primeiro, do Professor Doutor António Teixeira Fernandes, depois, do Professor Doutor João Miguel Teixeira Lopes, o Curso de Doutoramento em Sociologia do Departamento de Sociologia da FLUP inaugurou as suas actividades no ano lectivo de 2007/2008 tendo, para além do capital de experiência decorrente de muitos anos de formação doutoral em Sociologia na FLUP de alguns dos seus protagonistas, o propósito de acentuar a relevância, no actual momento do

conhecimento sociológico sobre a sociedade portuguesa, de estudos sociológicos especializados.

As comissões científicas envolvidas neste propósito, que incluem, para além dos Directores de Curso previamente identificados, o Relator deste trabalho e a Professora Doutora Dulce Magalhães, estruturaram um programa, muito reflectido, de trabalhos especializados em torno do domínio das Desigualdades, Cultura e Território. Para além da mobilização lectiva de um conjunto diferenciado de investigadores nacionais e estrangeiros, a especialização aqui em causa é garantida, em articulação com os seminários de teoria sociológica aprofundada (1º Semestre lectivo) e de metodologia sociológica aprofundada (2º Semestre lectivo), pela oferta de um seminário especializado em cada um dos semestres lectivos da parte escolar, de acordo com a estrutura geral que seguidamente se apresenta:

Tabela 1: Plano de Estudos do Curso de Doutoramento em Sociologia do Departamento de Sociologia da FLUP

1º Ano					
1º Semestre			2º Semestre		
Unidades curriculares obrigatórias	Área científica	ECTS	Unidades curriculares obrigatórias	Área científica	ECTS
Seminário sobre Teoria Sociológica Aprofundada	SOC	6	Seminário sobre Metodologia Sociológica Aprofundada	SOC	6
Seminário sobre área científica de especialização I	SOC	6	Seminário sobre área científica de especialização II	SOC	6
Seminário de Elaboração da Tese I	SOC	18	Seminário de Elaboração da Tese II	SOC	18
2º Ano					
3º Semestre			4º Semestre		
Unidades curriculares obrigatórias	Área científica	ECTS	Unidades curriculares obrigatórias	Área científica	ECTS
Seminário de Elaboração da Tese III	SOC	30	Seminário de Elaboração da Tese IV	SOC	30
3º Ano					
5º Semestre			6º Semestre		
Unidades curriculares obrigatórias	Área científica	ECTS	Unidades curriculares obrigatórias	Área científica	ECTS
Seminário de Elaboração da Tese V	SOC	30	Seminário de Elaboração da Tese VI	SOC	30

O Relatório de Disciplina que agora se apresenta é dedicado a um dos referidos Seminários Especializados do Curso, mais concretamente ao que corresponde ao segundo semestre lectivo, e resulta, na sua configuração geral, do programa de leccionação que foi pensado pelo seu Relator, em conjunto com a referida Comissão Científica e implementado, com ajustamentos pontuais, ao longo do primeiro ano de funcionamento do Curso. Deve, obviamente, muito do seu conteúdo ao que foi discutido no quadro das reuniões preparatórias da primeira edição do Curso dirigidas pelo Professor Doutor António Teixeira Fernandes e à troca de perspectivas que foi possível dinamizar ao longo das reuniões de trabalho de organização do curso subsequentes. Resultou, entre vários aspectos, dessas reuniões o sentido de construir o programa do seminário em torno de um exame detalhado da obra do sociólogo Pierre Bourdieu e, em articulação com este trabalho, o propósito de organizar o estudo de um conjunto de obras sociológicas de referência. Pressupondo os conhecimentos adquiridos no seminário de especialização do 1º semestre, esperava-se, mediante tal procedimento, poder levar os estudantes de doutoramento a aproximarem-se de um modo de ver e praticar o *ofício* a partir de um ponto de vista o mais próximo possível do seu interior, levando-os, nessa medida, a um confronto criativo com análises sociológicas de grande qualidade e que transportassem consigo uma carga elevada de actualidade tanto do ponto de vista da instrumentalidade do conhecimento como das suas próprias dimensões públicas e aproveitando a possibilidade de, no quadro do seminário, se construir um espaço de contacto directo com vários dos autores estudados. Com efeito, deve reter-se que, capitalizando os esforços conjuntos do Instituto de Sociologia da FLUP e do curso de doutoramento em sociologia do DS-FLUP, realizaram conferências e são conferencistas internacionais do presente seminário do curso os Professores Doutores Patrick Champagne (INRA-CSE-EHESS-Paris), Miguel Martínez López (Universidad Complutense de Madrid), Michel Pialoux (Université de Paris - La Sorbonne), Charles Suaud (Université de Nantes) e Loïc Wacquant (University of California - Berkeley). Para além disso, procurava-se também que a própria experiência de investigação do professor do seminário pudesse ser mobilizada para o propósito pedagógico produzido.

A vitalidade da experiência que conduziu à preparação do seminário e a riqueza da experiência pedagógica vivida encorajaram o Professor a transformar-se em Relator para efeitos de Prova Pública. É também todo esse processo que agora se submete a um outro olhar.

Objectivos do Seminário:

Estruturado em torno da problemática das classes e das culturas de classe, o presente seminário procura apresentar-se como uma síntese das principais investigações sociológicas que se têm vindo a definir sobre o domínio das relações entre formações sociais e trabalho de simbolização, consagrando num tal olhar a importância de uma atenção concreta ao espaço físico construído e apropriado socialmente.

Procura-se, assim, acentuar a pertinência de uma perspectiva capaz de construir um olhar sistemático sobre os processos de divisão social e cultural articulado com as diferentes modalidades de divisão do espaço físico. Para além de uma tal preocupação, procura ainda relevar-se, sempre que justificado, a importância das lutas de representação e das políticas na definição de tais relações.

Ainda que alicerçado no estudo de uma grande obra sociológica e complementado por um conjunto muito selectivo de trabalhos sociológicos actuais e de grande qualidade, o olhar privilegiado a construir será orientadamente etnográfico, comparado e centrado sobre a discussão de casos concretos em Portugal, na Europa e nos Estados Unidos da América.

Assim, e de um ponto de vista científico-pedagógico, o seminário visa dotar o estudante de competências aprofundadas no domínio de especialização em causa susceptíveis de serem mobilizadas para quadros de investigação a implementar. Apela-se, nesse sentido, desde momentos iniciais da frequência do seminário, para que os estudantes possam construir a perspectiva a aprofundar no seu âmbito em articulação com as temáticas e objectos de investigação escolhidos para desenvolvimento enquanto tese de doutoramento.

Programa

Temática central:

A sociedade e a cultura em acção. Para uma sociologia sobre a formação das relações entre espaço social, trabalho de simbolização e espaço físico.

1. Coordenadas teóricas de referência.
 - 1.1. Reinterpretar os clássicos
 - 1.2. Sobre a dinamização da teoria da prática
2. Compreender as dinâmicas do *campo* das classes sociais nas sociedades contemporâneas de acordo com os resultados da investigação de Pierre Bourdieu
 - 2.1. Sobre a construção da classe
 - 2.2. Classes, estilos de vida e culturas de classe
 - 2.3. Compreender os modos de dominação através das *estratégias de reprodução*, dos *mecanismos de reprodução* e dos *modos de reprodução*
3. As dinâmicas do *campo* das classes sociais nas sociedades contemporâneas e as respectivas incidências na (re)produção das *disposições* e das *tomadas de posição* sociais
 - 3.1. A crise de reprodução no campesinato a partir dos olhares de Pierre Bourdieu em *Le Bal des célibataires* e de Patrick Champagne em *L'Héritage refusé*.
 - 3.2. A *decomposição* do operariado industrial e a *gênese* do *precariado* a partir dos trabalhos sociológicos de Loïc Wacquant em *Urban Outcasts* e de Stéphane Beaud e Michel Pialoux em *Violences urbaines, violence sociale*.
 - 3.3. A reprodução da *grande burguesia* a partir das análises de Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot em *Grandes fortunes*.
 - 3.4. A formação e consolidação diferenciada das *middle-classes* a partir da leitura de Mike Savage, James Barlow, Peter Dickens e Tony Fielding em *Property, Bureaucracy and Culture*.
4. Para um programa *racionalista aplicado* de investigação sociológica em torno das relações entre espaço social, trabalho de simbolização e espaço físico.

Bibliografia geral*

Beaud, Stéphane; Pialoux, Michel

2003 - *Violences urbaines, violence sociale: genèse des nouvelles classes dangereuses*, Paris, Fayard.

Bourdieu, Pierre

1979 - *La Distinction*, Paris, Minuit.

1989 - *La Noblesse d'État*, Paris, Minuit.

2002 - *Le Bal des célibataires*, Paris, Seuil.

Bourdieu, Pierre (org.)

1993 - *La Misère du Monde*, Paris, Seuil.

Champagne, Patrick

2002 - *L'Héritage refusé*, Paris, Seuil.

Charlesworth, Simon J.

2000 - *A Phenomenology of Working Class Experience*, Cambridge, Cambridge University Press.

Klinenberg, Eric

2002 - *Heat Wave: a social autopsy of disaster in Chicago*, Chicago, The University of Chicago Press.

Masclat, Olivier

2006 - *La Gauche et les cités*, Paris, La dispute.

Pinçon, Michel; Pinçon-Charlot, Monique

1998 - *Grandes fortunes*, Paris, Payot.

Savage, Mike; Barlow, James; Dickens, Peter; Fielding, Tony

1995 - *Property, Bureaucracy and Culture*, London, Routledge.

Wacquant, Loïc

2008 - *Urban Outcasts*, Cambridge, Polity Press.

* A bibliografia apresentada corresponde apenas à bibliografia geral do seminário. Ao longo das diferentes lições serão apresentados outros títulos que documentam o programa específico de leituras que os estudantes deverão fazer para prepararem a sua frequência do seminário.

Métodos pedagógicos

A disciplina organiza-se com base no programa apresentado.

Estruturada enquanto seminário, funciona com base numa sessão semanal única de quatro horas repartidas por catorze semanas, no quadro de um semestre lectivo que se prolonga durante vinte e três semanas, correspondendo as nove últimas ao período dedicado ao cumprimento do programa de avaliação por parte dos estudantes.

De acordo com a estrutura aprovada pela Comissão Científica de Curso e nos termos do regulamento lectivo da FLUP para efeitos de formação doutoral, cada seminário encontra-se repartido em dois grandes momentos lectivos: um primeiro, com a duração de três horas tem uma configuração teórico-prática, em continuidade com aquela que tem sido a aposta mais sistemática do trabalho de formação graduada e pós-graduada de sociólogos no DS-FLUP; e um segundo momento, que funciona sob o regime de orientação tutorial previsto pelo regulamento do curso, com a duração de uma hora.

Cada uma das catorze sessões do seminário é organizada mediante o plano referenciado, onde se procura introduzir as principais coordenadas teóricas subjacentes ao tema e obras em tratamento, a que se segue a abordagem pormenorizada das obras de referência. Incentiva-se, neste momento, o desenvolvimento de participações específicas dos estudantes sobre o tema discutido ou obras tratadas, para além da mobilização de outros trabalhos que tenham especial interesse para a investigação que o estudante programa realizar.

Um pressuposto de base de todo o seminário passa pelo trabalho de preparação prévia de leituras a que os estudantes estão sujeitos, de modo a que a discussão, nomeadamente em situação de orientação tutorial, possa potenciar-se. A este propósito, deve reter-se que as sessões de orientação tutorial, ainda que pudessem ser realizadas individualmente, são propositadamente assumidas como momentos colectivos de exposição e discussão em que se espera o envolvimento de todo o grupo de doutorandos.

Para além da dinâmica pedagógica assim configurada, a frequência do seminário contempla um plano de conferências por investigadores nacionais e estrangeiros cuja

obra é analisada em detalhe no curso. Prevê-se a realização de duas conferências deste tipo ao longo do semestre lectivo. Tais conferências poderão ter a duração de duas horas, seguidas de debate.

Regime de Avaliação

Os estudantes deverão realizar, tomando por referência o percurso realizado no seminário e o trabalho a efectuar nas sessões de orientação tutorial, uma apresentação em sala de aula de um texto sociológico de referência discutido previamente com o professor e uma análise crítica, em versão escrita, da obra de referência trabalhada, se possível tomando já como perspectiva a mobilização da mesma para efeitos de aprofundamento da investigação doutoral.

A apresentação em sala de aula vale 20% da classificação final; a análise escrita elaborada (que não deverá ter menos de 40000 caracteres) vale os restantes 80%; a frequência do seminário, nos termos do regulamento do curso, está sujeita a um número mínimo de presenças obrigatórias.

O trabalho em causa é entregue no final do semestre lectivo em data acordada entre professor e estudantes.

Um olhar detalhado sobre o programa do Seminário

Estrutura para catorze lições aprofundadas de sociologia sobre as relações entre espaço social, trabalho de simbolização e espaço físico.

Lição nº1

Tema: Coordenadas teóricas de referência para a construção de um olhar sociológico sobre as relações entre espaço social, trabalho de simbolização e espaço físico (1).

Sumário Desenvolvido

1. Coordenadas teóricas de referência para a construção de um olhar sociológico sobre as relações entre espaço social, trabalho de simbolização e espaço físico (1).

1.1. Reinterpretar os clássicos

1.1.1. Sobre a pertinência de um regresso aos clássicos da sociologia: a antiga, mas sempre actual, necessidade de conceptualizar as relações de poder

1.1.1.1. A teoria do poder em Karl Marx: relações de produção e lutas de classe

1.1.1.2. A teoria do poder em Max Weber: relações de dominação e legitimidade

1.1.1.3. A teoria do poder em Émile Durkheim: comunicação e solidariedade

1.1.2. Um retrato selectivo, mas significativo, sobre algumas das primeiras tentativas de compatibilização de coordenadas analíticas clássicas no tratamento sociológico do poder

1.1.2.1. As propostas de François Simiand e Maurice Halbwachs

1.1.2.2. A leitura da sociedade de Norbert Elias

1.1.2.3. Os contributos da historiografia marxista britânica sobre a classe operária e da sociologia de Richard Hoggart

(i) A construção de uma perspectiva sociológica vocacionada para o estudo das relações entre a **formação** dos grupos sociais, as respectivas culturas e os espaços quotidianos em que vivem poderia obedecer a uma gama relativamente alargada de preocupações. Articulada com outras dimensões sobre este e outros domínios explorados no curso de doutoramento, opta-se no presente seminário por um segmento específico da teoria sociológica capaz, na nossa visão da disciplina, de poder suscitar conhecimentos sociológicos estáveis sobre algumas das questões centrais que aqui nos vão ocupar.

Contudo, e ainda antes de iniciar o percurso pela teoria e pelos resultados de investigação que, com base nesta, tem sido possível reunir ao longo de várias décadas de trabalho produzidas por um vasto conjunto de investigadores nacionais e estrangeiros, valerá a pena documentar exploratoriamente, sobretudo quando não é de todo imprevisível que na frequência do curso estejam estudantes com formações não exclusivamente sociológicas, alguns dos eixos de base que informam a perspectiva sociológica que será implementada no curso, ao longo das suas catorze sessões de seminário.

(ii) Nesse sentido, a *lente sociológica* que informa o presente olhar tem subjacente um conjunto específico de problemas que poderemos, preliminarmente, resumir num trabalho de **ruptura e crítica à reificação** dos fenómenos sociais e num esforço de análise centrado sobre as relações sociais e, especificamente, à luz dos problemas de fundo a tratar no seminário, das **relações de poder**¹. Se a crítica à reificação dos fenómenos sociais nos transporta para o longo trabalho de recusa dos **essencialismos** e para o sempre exigente trabalho de ruptura com o senso comum, nas suas diferentes modalidades, a complexidade do fenómeno do poder, central aliás, e tal como o trabalho de ruptura, para a história da sociologia, obriga a adoptar uma perspectiva **construtiva** do conhecimento científico e a recuperar três das suas dimensões: a **dominação**, a **solidariedade** e a relevância da **simbolização** na sua definição (expressa, desde logo, na e pela linguagem).

¹ Ao longo do presente relatório, a referenciação de expressões em **itálico** e **negrito** reporta a identificação de conceitos, expressões ou nomes de autores alvo de relevância especial no desenvolvimento do curso; significa a sua utilização que, no desenvolvimento pedagógico do seminário em sala de aula, estamos perante conceitos, expressões ou autores que são alvo de análise específica e cuja apresentação pormenorizada ganha relevo adicional na dinamização pedagógica do curso.

A perspectivação do poder, numa definição obrigatoriamente *relacional*, através da dominação, da solidariedade e da simbolização, abre eixos de investigação alternativos que nem sempre foram compatibilizados ao longo da história da sociologia. Independentemente da questão do trabalho autónomo em torno de cada uma das dimensões, um dos desafios iniciais do seminário passa por alertar para a pertinência da conjugação destas dimensões na base de dois propósitos fundamentais: um que passa pela identificação da sua heurística à luz dos ensinamentos mais estabilizados da disciplina; outro que releva a importância de tal trabalho ser realizado, sobretudo quando encarado no quadro de um relação pedagógica que perspectiva a realização de uma tese de doutoramento, a partir de problemas sociológicos delimitados e susceptíveis de serem objectivados em situações sociais concretas, no quadro do que poderíamos nomear como uma perspectiva *racionalista aplicada*. Se o segundo dos propósitos é uma preocupação recorrente cujo conteúdo será alvo de debate, em várias formas, ao longo de todo o seminário, o primeiro dos propósitos será o horizonte central de preocupação da primeira lição.

(iii) Não obstante toda a gama de preocupações responsáveis pela génese da sociologia, desde logo, tudo o que decorre da “questão social” oitocentista, pode afirmar-se com segurança que esta dedicou ao estudo do ligame social o mais relevante dos seus esforços². O poder na definição do ligame social ocupou, por isso, uma parte também relevante do esforço de autonomização disciplinar aqui envolvido. Ainda que se possa seguir neste domínio as contribuições de um conjunto vasto de autores, para efeitos de aprofundamento conceptual, de resto compatível com a definição previamente identificada, como bem demonstra Pierre Bourdieu na conferência que fez na Universidade de Chicago em 1973 que dedicou ao assunto (1989a), optamos por destacar a este propósito, muito sinteticamente, sete grandes contributos analíticos.

O primeiro deles não pode deixar de referenciar o retrato marxista da história da humanidade enquanto uma sucessão de *modos de produção*. Estes últimos são, na realidade, modos de dominação estruturados em torno de *relações de produção desequilibradas* e dotadas de configurações alternativas ao longo da história da

² A revisitação da teoria sociológica sobre o ligame social constituiu o objecto central do Seminário de Teoria Sociológica Aprofundada preparado pelo Professor Doutor António Teixeira Fernandes para a primeira edição do curso de doutoramento em Sociologia da FLUP.

humanidade, fazendo desta também uma sucessão, na perspectiva marxiana, linear de diferenciadas *lutas de classe*. Do enorme esforço de conceptualização da realidade social elaborado por *Karl Marx* (e não discutindo para já a questão dos seus limites), é importante, para efeitos de dinamização de investigação sociológica, reter os contributos que deu em matéria de caracterização exhaustiva das dinâmicas de funcionamento do *capitalismo* e das lógicas estruturantes da desigualdade económica neste, dando especial relevo ao entendimento da dominação classista nas suas diferentes materializações, em especial, aquele que podemos retirar de obras como *O Capital*, *O Dezoito do Brumário de Louis Bonaparte* ou *As Lutas de Classe em França*.

A partir de um ponto de vista diferenciado, mas, no entendimento aqui defendido, sob muitos aspectos, complementar, deve-se a *Max Weber*, marcado pela realidade de um tempo, para todos os efeitos, diferente do de Marx, um aprofundamento do entendimento sociológico das *relações sociais* e de *poder* enquanto relações de *dominação*. Se o horizonte de trabalho marxista, ainda, sob muitos aspectos, pré-sociológico, porque mais informado pelo pensamento alargado próprio da filosofia das luzes de que Marx terá sido um dos últimos representantes, acentua uma perspectiva económica de leitura *realista* das relações de poder, no seu *nominalismo*, Max Weber, procura defini-las, tendo em conta a presença mais evidente do *Estado* na sociedade do seu tempo, a partir, por isso, de um ponto de vista mais politicamente orientado. Se, na teoria weberiana, as relações de poder têm um carácter “amorfo”, quer dizer, pouco preciso, já a dominação possui um carácter mais específico e tem implícita a *probabilidade* de um mando de determinado conteúdo encontrar obediência; ora, é precisamente na esfera da acção do Estado Moderno, entidade *burocrática* que conquistou, em concorrência ao longo da história, o *monopólio da violência física legítima* no interior de um determinado território, que tais relações assumem, em termos ideal típicos, a sua configuração mais apurada, sendo, na perspectiva de Weber, uma tal *crença* determinante no desenvolvimento do capitalismo.

Como sabido, *Émile Durkheim* atribuiu grande atenção à conceptualização do ligame social; partilhando problemas e realidades semelhantes às de Max Weber vai, contudo, construir um modo alternativo de os perspectivar. Para além das *implicações epistemológicas* e *metodológicas* do seu trabalho, Durkheim vai centrar a sua atenção sobre a *divisão social do trabalho*, dando especial relevo à importância da acção estatal na definição das sociedades, só que vai intepretá-la

não num quadro de dominação mas acentuando a sua dimensão de significação e sobretudo de *solidariedade*. Para além de conceptualizar a passagem das sociedades de *solidariedade mecânica* para as sociedades de *solidariedade orgânica*, Durkheim vai produzir um retrato amplamente diferenciado das sociedades modernas onde o Estado, através da coordenação das diferentes funções que se estruturam no *corpo social*, tem, enquanto “*cérebro social*” e entidade *representativa*, uma capacidade eminentemente emancipadora das liberdades individuais, ainda que, em contexto de *anomização* das relações sociais tais capacidades possam não ser suficientes e daí também o programa de *restauração das corporações* caro ao autor de *As Regras do Método Sociológico* e fundador universitário da sociologia francesa.

Assim, ainda que não se trate de uma apresentação exaustiva do campo de possibilidades interpretativas aberto pela sociologia em torno do ligame social desequilibrado, encontramos na obra dos chamados “pais fundadores” da sociologia quadros interpretativos diferenciados sobre o relevo das relações de poder na estruturação das sociedades. Podemos afirmar que tais quadros vão ser retomados e reformulados ao longo de um conjunto alargado de obras que se lhes sucederam.

Para efeitos de síntese, é importante reter alguns dos pressupostos fundamentais de que parte a teorização a estabelecer no âmbito do seminário na sua relação com os clássicos. O pressuposto fundamental de referência neste domínio parte da reabilitação do legado marxista na análise das classes sociais, sendo a partir deste patamar, sujeito, como verificaremos, a análises complementares e a especificações detalhadas, que fundaremos a perspectiva de análise a implementar. Acrescenta-se a este o relevo da acção institucional na definição das sociedades, tal como lembrado por Max Weber, e a importância dos diferentes domínios de autonomização da acção social em que as *classes*, a *honra* e a *política* se relacionam e combinam em quadros estruturados de *dominação legítima*. Para além destes aspectos, não poderemos deixar de frisar a importância de as análises assim empreendidas darem uma especial atenção à *morfologia* social e aos quadros de *representação* social e simbólica nesta estruturadas, para lembrar contributos durkheimianos decisivos.

É importante lembrar que a proposta assim estabelecida não é nova; encontramos na sociologia tentativas bem sucedidas de combinação de algumas destas propriedades em algumas obras de referência da disciplina do século XX.

Ainda na primeira metade, encontraremos na obra de *François Simiand* e de *Maurice Halbwachs* contributos válidos para o aprofundamento do entendimento sociológico das questões em discussão. Prolongadores da obra de Durkheim, devemos a um e a outro dos autores, em modalidades diversas, uma conjugação aperfeiçoada entre o legado marxista e o durkheimiano, em particular no que diz respeito à consagração das classes no interior deste último projecto, originando os primeiros desenvolvimentos da sociologia económica patentes na obra de Simiand, ou consagrando a questão da *memória* e da simbolização na formação dos grupos sociais na obra de Halbwachs, para só destacar duas dimensões relevantes.

Na transição da primeira para a segunda metade do século XX, encontramos na obra, permanecida durante largo tempo desconhecida, de *Norbert Elias* uma conjugação alternativa de preocupações, acentuando, desta feita, relações entre o quadro teórico de Marx e de Weber, alargado igualmente a algumas das dimensões de base do pensamento de Freud. A partir de um trabalho de análise de materiais históricos, Elias vai produzir uma teoria política sobre os ligames sociais, retratando-os como relações de poder estabelecidas no quadro de *configurações* específicas. Entre estas configurações, a teoria eliasiana da sociedade que se *civiliza* vai dar especial importância à compreensão, na longa duração, da génese do Estado nacional na Europa e às suas articulações com os processos de formação dos grupos sociais e dos modos de estes se relacionarem entre si, tal como se pode verificar em *O Processo Civilizacional* ou em *A Sociedade de Corte*, para só destacar duas das suas obras maiores.

Já no pós-segunda guerra mundial, podemos também destacar, para o percurso conceptual que aqui estabelecemos, o relevo do contributo de um conjunto importante de intelectuais britânicos para o aprofundamento do conhecimento das classes sociais e das modalidades da sua formação; referimo-nos, entre outros, às obras de historiadores como *E. P. Thompson* e *E. J. Hobsbawm*, mas não poderemos esquecer igualmente os trabalhos sociológicos de *Richard Hoggart*. Os contributos mais salientes destas abordagens vão passar sobretudo pela demonstração de como os processos de *formação cultural de classe* no interior do capitalismo, em particular aqueles que mais caracterizam os agentes sociais que ocupam posições dominadas, contemplam também formas de *resistência*, não sendo, por isso, unívocas as modalidades de formação das classes assim perspectivadas. É, de resto, um tal processo que podemos ver demonstrado também em obras maiores da história

do quotidiano alemã, amplamente influenciadas pela sociologia, como as de Alf Lüdtke.

Será, no entanto, na obra de Pierre Bourdieu que poderemos encontrar uma das propostas de articulação e reformulação do legado dos clássicos dotada de capacidade heurística mais efectiva e sistemática na capacidade demonstrada de ser replicada num quadro empírico de investigação e será no exame dos respectivos contributos que fundaremos, na realidade, a proposta teórica do seminário. Como facilmente se compreende, o percurso feito até aqui na primeira lição do curso é largamente devedor da interpretação e apropriação que este autor faz da história da sociologia. A análise do legado teórico de Bourdieu constituirá o conteúdo principal da segunda lição do curso.

Sessão de Orientação Tutorial nº 1

Dado o facto de se estar ainda numa fase inicial do curso, a primeira sessão de orientação tutorial não se realiza no primeiro dia do respectivo funcionamento, sendo esta transferida para o dia da segunda lição.

O trabalho de preparação da Lição nº 1 deverá ser realizado tomando por referência o seguinte programa de leituras:

Pierre Bourdieu

1989a - « Sobre o Poder Simbólico », *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel, pp. 7-16.

[Será tomando por referência o esquema apresentado na página 16 do referido capítulo que será produzida a construção sustentada na lição aqui em causa]

1989b - “Introdução a uma sociologia reflexiva”, *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel, pp. 17-58.

Pierre Bourdieu; J.C. Passeron; J.C. Chamboredon

1973 [1968] - *Le Métier de sociologue*, Paris, Mouton/Bordas.

[No que diz respeito à sustentação dos pressupostos epistemológicos subjacentes ao percurso a realizar no seminário, a referência central a dinamizar pedagogicamente

na lição nº 1 estabelece-se a partir de uma síntese dos principais elementos a retirar das Primeira, Segunda e Terceira Partes do livro aqui em causa, que reactualizam a hierarquia dos actos epistemológicos em termos de trabalho de ruptura, de construção de conceitos e de desenvolvimento de um racionalismo aplicado; o problema das relações de poder e o seu entendimento na sociologia são uma tentativa de ilustração do trabalho de construção conceptual implícito na dinamização da presente abordagem]

Para recuperar o trabalho em torno dos clássicos, para além da leitura, mais ou menos selectiva, de algumas das suas obras mais relevantes, sugere-se ainda a leitura de:

António Teixeira Fernandes

2008 - *Émile Durkheim, o homem e a obra*, Porto, Estratégias Criativas.

2008 - *Max Weber, o homem e a obra*, Porto, Estratégias Criativas.

Lições nº2 e nº3

1. Coordenadas teóricas de referência para a construção de um olhar sociológico sobre as relações entre espaço social, trabalho de simbolização e espaço físico (2).

Sumário Desenvolvido

1.2. Sobre a dinamização da teoria da prática

1.2.1. Uma breve contextualização da biografia de Pierre Bourdieu e esboço de apresentação do contexto teórico em que emergem as preocupações mais relevantes da obra.

1.2.2. Da filosofia às ciências sociais: a experiência do terreno na Argélia e no Béarn, o conflito e a progressiva génese das interrogações em torno da prática social.

1.2.3. Fundamentos epistemológicos 1: o racionalismo historicizado, a tradição fenomenológica e a construção do estruturalismo crítico;

1.2.4. Fundamentos epistemológicos 2: o projecto durkheimiano e a reabilitação dos clássicos; a “dúvida radical”, o pensamento relacional e a compreensão e explicação sociológicas.

1.2.5. O primado epistemológico da pesquisa de terreno na construção da “sociologia reflexiva”.

1.2.6. A definição da prática social

1.2.6.1. Campo

1.2.6.2. Capital

1.2.6.3. Habitus

(i) Na primeira lição do curso, já tinha sido efectuada uma alusão à importância da obra de *Pierre Bourdieu* para a renovação do programa sociológico e o relevo que nesta teve a reinterpretação por si realizada do legado dos clássicos das ciências sociais, com especial destaque para o trabalho individual do autor, mas onde não poderemos também esquecer a acção científica de alguns dos seus mais directos colaboradores reunidos em torno das investigações desenvolvidas no *Centro de*

Sociologia Europeia e na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* por si fundada e dirigida entre 1975 e 2002. Cumpre-se no bloco de duas lições que assim se apresenta, ainda que de um modo sumário, um trabalho de exame mais detalhado da referida contribuição e das implicações que desta poderemos retirar para o fundar de um programa de pesquisa em torno das relações de poder e, subsequentemente, da conceptualização das relações entre o espaço social, o trabalho de simbolização e a produção social do espaço físico na definição das sociedades contemporâneas.

(ii) Na reabilitação que faz dos clássicos da sociologia, uma das marcas mais relevantes da obra de Bourdieu e nem sempre devidamente destacada, quando referenciada por comparação a esses mesmos clássicos, passa pelo facto de se desenvolver através de um confronto sistemático com objectos do presente, sendo, nessa medida, muito sensível aos contextos sociais e intelectuais que marcam o tempo da investigação. Aluno da ENS de Paris, filósofo de formação, Pierre Bourdieu viu-se, por força do serviço militar obrigatório que escolheu cumprir num registo menos privilegiado do que aquele a que teria direito enquanto jovem intelectual formado numa escola privilegiada, a caminho da Argélia num período de ampla convulsão social, económica e política, materializada, de resto, numa guerra colonial ainda hoje não totalmente resolvida num lado e no outro do Mediterrâneo. Poderá parecer menos apropriado mencionar esta questão numa lição como esta, mas, como sabido, o cerne explicativo para a compreensão da conversão do olhar filosófico num olhar antropológico e sociológico, como aquele que Bourdieu realizou, residirá amplamente na sua experiência argelina e no modo como foi lentamente convertendo as preocupações fortes de um filósofo fenomenológico (versado em *Heidegger*, em *Husserl*, em *Merleau-Ponty* ou, como mais tarde será, em *Schütz*) nas de um etnólogo informado pelos princípios do trabalho sociológico.

A experiência da guerra e do choque económico, social e cultural provocado pela introdução do capitalismo colonial na sociedade argelina mobilizam em Bourdieu a necessidade de converter questões filosóficas em questões antropológicas e sociológicas (atente-se que, tal como em Durkheim e em *Mauss*, não haverá lugar na divisão do trabalho científico bourdieusiana para uma distinção entre sociologia e antropologia) e, assim, a lenta produção de um sistemático trabalho de inquérito que se vai traduzir numa prática prolongada do trabalho de campo, posteriormente, teorizado como *objectivação participante*.

No interior de um campo académico dominado pelo *existencialismo* de Sartre, pela progressiva afirmação do *estruturalismo levi-straussiano*, pela presença marcante de um marxismo relativamente ortodoxo como aquele que decorria da influência do Partido Comunista Francês, Bourdieu, primeiro a partir da Argélia cabila, depois, e por razões de controlo do trabalho que aí desenvolvia, do seu Béarn natal, vai converter o seu olhar à sociologia (na altura, uma disciplina académica claramente inapropriada para um potencial candidato a figura cimeira no interior do altamente hierarquizado campo filosófico francês), entrando nesta por uma das suas sub-disciplinas menos valorizadas, a sociologia rural, e rapidamente encontrando respostas alternativas às do estruturalismo levi-straussiano que originalmente tinham motivado a sua procura (era a feitura de uns *Tristes Trópicos* invertidos que motivava as primeiras preocupações de Bourdieu com a Cabília).

Inspirado pelas suas experiências e leituras desenvolverá, num primeiro momento, um conjunto sistemático de análises aprofundadas sobre a sociedade argelina e sobre as suas contradições, tal como se pode verificar, desde logo, em três livros exemplares como são *Sociologie de l'Algérie* (1958), *Travail et travailleurs en Algérie* (escrito em conjunto com *Alain Darbel*, *Jean-Pierre Rivet* e *Claude Seibel*, 1963) e *Le Déracinement* (escrito em conjunto com *Abdelmalek Sayad*, 1964) - livros de uma fase jovem já plenamente integrados numa lógica analítica marcada pela ruptura com as antinomias teóricas e metodológicas que definiam o pensamento científico social de então e já dotados das marcas de trabalho colectivo que seriam uma das outras propriedades mais relevantes da sua prática científica -, a que se seguirá uma renovação conceptual aprofundada da teoria sociológica que terá a *dominação* no centro do seu programa de pesquisa. Para realizar esta reconversão inicial do olhar, para além de amplamente informado pelos debates característicos do campo filosófico dos anos 1950/60, Bourdieu procederá a uma revisitação aprofundada do trabalho dos clássicos da sociologia que possibilitará, com o tempo, e tomando por referência central a temática do *corpo socializado*, a construção paulatina de uma teoria sociológica marcada pela propriedade relevante de se definir (como qualquer teoria, sempre provisoriamente) por uma forte vocação para o constante confronto com a realidade prática (a que se poderá acrescentar uma vocação para o constante confronto, não escapando a polémicas, com outras teorias...), tal como se pode verificar na primeira sistematização teórica representada pelo *Esquisse d'une théorie de la pratique* (1972) e, mais tarde, em obras plenamente consolidadas teoricamente como *La Distinction* (1979), *Le Sens pratique* (1980) ou *La Noblesse d'État* (1989).

Assim, e para compreendermos o lugar do poder material e simbólico no interior das sociedades, haverá que reter o programa de pesquisa construído por Bourdieu, em especial aquele que decorre do seu corpo principal de conceitos e que materializam a definição da *prática social*.

(iii) Ainda que nas suas formulações mais conhecidas, a teoria da prática seja apresentada através da fórmula *habitus+capital+campo*, os conceitos e as redes de relações entre conceitos não foram elaborados, contrariamente ao que acontece com outras teorizações do social, como sistema teórico integrado.

Como se afirmava anteriormente, foi no quadro de um conjunto sucessivo de investigações empíricas diferenciadas que os conceitos em causa e as redes de relações que os suportam foram elaborados e aperfeiçoados. Ainda que fruto da acção de um investigador e por isso finita, não se pode deixar de reconhecer que o trabalho conceptual aqui envolvido não terminou, sendo na realidade hoje em dia redinamizado a partir de pontos diferenciados do campo sociológico mundial, tão relevante foi o impacto da obra aqui em causa. Contudo, procuraremos, para já, documentar os contributos mais relevantes da obra original de Bourdieu neste domínio, focando a atenção nos conceitos fundamentais da teoria.

A especificidade da teoria da prática passa não só pelo modo como demonstra a necessidade de a realidade social ser conceptualizada, na linha de Marx, Durkheim e Weber, como uma construção social, mas também pela forma como se tem debatido contra as conceptualizações do social que tendem a dicotomizá-lo antagonicamente, ora evidenciando o macrossociológico ora acentuando o microssociológico.

Ao procurar ultrapassar a antinomia entre a *física* e a *fenomenologia sociais*, o modo de pensar relacionalmente de Pierre Bourdieu configura um programa de pesquisa alicerçado numa rede de construções teórico-metodológicas.

À velha maneira durkheimiana, a análise sociológica não seria possível sem o trabalho de eliminação das pré-noções do senso comum. Este procedimento abre portas a uma *análise objectiva de primeira ordem* e procura estabelecer as estruturas características da distribuição desigual dos recursos - “propriedades actuantes” - no espaço social, fazendo, inicialmente, do projecto sociológico uma *topologia social* (Bourdieu, 1989a: 133-134).

Contudo, o trabalho sociológico não se limita apenas a determinar o espaço das *posições* sociais e complementa-se com momentos novos em que se coloca a necessidade de empreender uma ***análise objectiva de segunda ordem***, reintroduzindo a experiência dos agentes, analisando os seus esquemas de percepção e de acção - as suas ***disposições*** -, práticas e representações, tornando, em suma, o senso comum em objecto da ciência. Um tal procedimento coloca-nos perante o centro do programa de pesquisa da teoria da prática e, obrigatoriamente, perante a tríade conceptual ***campo, capital, habitus***.

(iv) Como qualquer um dos conceitos que faz parte da proposta teórica em causa, o conceito de ***campo*** não é passível de definição em estado isolado. Conceito “aberto”, originalmente inspirado nas formulações de Weber sobre o domínio religioso e nas propostas de leitura de Kurt Lewin, o campo, tal como todas as noções envolvidas na teorização bourdieusiana, foi elaborado para ser dinamizado empiricamente e pode ser sinteticamente definido como um espaço estruturado de posições (Bourdieu, 1992: 72).

Estas posições, passíveis de serem analisadas independentemente das características daqueles que as ocupam, definem um conjunto de propriedades que decorrem dos *enjeux* e *interesses específicos* do campo de que participam e da história das lutas que os constituíram, sendo, na realidade, o produto histórico de um jogo e de uma ***luta pelo(s) monopólio(s) de legitimidade*** (Bourdieu, 1980b: 113-116).

As sociedades altamente diferenciadas dos nossos dias são compostas por estes ***espaços relativamente autónomos*** de relações sociais objectivas dotados de uma lógica específica e onde, por vezes, se maximizam lucros, reconvertendo num destes espaços as posições de maior ou menor poder ocupadas noutros espaços. Uma tal característica permite evidenciar a existência de ***homologias*** de posições dos agentes em campos distintos, mas também homologias entre diferentes campos, para além das posições de dominação e de subordinação que a própria estrutura de poder desigual do campo sustenta, o que autoriza, do ponto de vista do trabalho sociológico, a identificação de “leis gerais do funcionamento dos campos” (1980b: 113), e permite o desenvolvimento de programas de pesquisa centrados sobre os respectivos processos de actualização.

(v) O conceito de *capital*, com uma formulação, devido ao relevo das distribuições diferenciadas de poder, muito próxima do pensamento de Max Weber, mas, na realidade, inspirado nos trabalhos de Marx sobre o capital económico e, ainda que sem o carácter tendencialmente mais substancialista, nas formulações de Gary S. Becker sobre o *capital humano*, reveste-se de um carácter multiforme e é, desde logo, designado pela noção de campo, já que o capital atribui um poder sobre o campo (Bourdieu e Wacquant, 1992: 77). Contudo, para além de ser designado pelo campo, o capital também completa as noções de interesse, ou *illusio*, e de investimento - noções estas fundamentais para compreender a lógica dos campos e, de um ponto de vista analítico, o modo como é feita a articulação entre os conceitos de campo e de habitus.

“Energia da física social” (Bourdieu, 1980a: 209) feita da quantidade de tempo ou de trabalho acumulado em maior ou menor grau - constituindo, por isso, um “recurso” -, o capital define a posição do agente nos diferentes campos (Idem, 1989a: 134-135) e possui três grandes configurações: o *capital económico*, que normalmente impõe a sua lógica sobre os restantes, ainda que não os determine de forma absoluta, já que necessita de uma legitimação simbólica, assim se consumando a articulação entre legados marxiano e weberiano neste aspecto da teoria; o *capital cultural* ou *informacional*, que existe no estado *objectivado*, no estado *incorporado* e no estado *institucionalizado* (Idem, 1979b), ainda que, na realidade, qualquer outra forma de capital possa existir em idênticos estados; e o *capital social*, soma dos recursos, actuais ou virtuais, de que um agente dispõe em virtude das relações mais ou menos institucionalizadas que detém. A estes deverá acrescentar-se o *capital simbólico*, que é a forma assumida por cada um dos capitais anteriores quando *reconhecido* como específico (Idem, 1989a: 94-95). Nas formulações originais do pensamento e teoria de P. Bourdieu há ainda espaço para a existência de mais uma outra forma de capital: o capital político. Noção que nas formulações originais do autor obteve apenas um primeiro esboço (implicando a sua dinamização um trabalho de possível aperfeiçoamento), o capital político, enquanto forma de capital simbólico (Idem: 187) e de capital social, designa a “capacidade para procurar privilégios e lucros consideráveis, à maneira do capital económico, noutros campos sociais” (Bourdieu; Wacquant, 1992: 95). Não é, por outro lado, erróneo considerar que na teoria da prática, e à medida que se avança no conhecimento das esferas da acção social que se autonomizam como campos, se possa proceder ao inventário e ao estudo de novas formas de capital.

(vi) O conceito de *habitus*, noção aristotélica reformulada a partir das preocupações de Marcel Mauss, de Husserl, de Erwin Panofsky e mesmo de Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty, para além de mobilizada nos estudos de Durkheim, Weber, *Veblen* e Elias, convoca, no trabalho de Bourdieu, os conceitos de *capital* e *campo*, permite articulá-los e funda não só a análise das estruturas objectivas de primeira e de segunda ordem, como também permite uma análise da génese social das disposições subjectivas - residindo aqui a base para a afirmação do estruturalismo praxeológico como *genético*.

Epicentro da obra de Pierre Bourdieu e o primeiro conceito, dos três decisivos, a ser construído, o *habitus* “serve para referir o funcionamento sistemático do corpo socializado” (Bourdieu, 1989a: 62), já que, enquanto “sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas funciona em cada momento como uma *matriz de percepções, de apreciações e de acções*” (Idem, 1973: 178), articula em si uma *competência prática* responsável pela (re)produção incorporada das estruturas sociais, que, como salienta Wacquant, opera sob o nível da consciência (2004).

Tratando-se de um conceito que designa o *social vivificado* (Bourdieu, 1989a: 75-106) e, por isso, a “interiorização da exterioridade” assim como a “exteriorização da interioridade”, o *habitus*, como *estrutura estruturada* e também *estruturante*, é o produto histórico de um meio social determinado, o que não impede uma variação estrutural do *habitus* individual “onde se exprime a singularidade da posição no interior da classe e da trajectória” (Bourdieu, 1980a: 100-101), assim se revelando os princípios de *individuação* e de *sociação* que o constituem (Wacquant, 2004). Uma tal propriedade salienta, e convém reforçar esta ideia, “a capacidade geradora, para não dizer criadora, que está inscrita no sistema de disposições como *art* - no sentido forte de *maîtrise* [competência ou dominação] prática - e, em particular *ars inveniendi*” (Bourdieu, Wacquant, 1992: 97).

Tudo se passa como se o *habitus* “conseguisse chegar a unificar os efeitos da necessidade social sentida desde a infância, através das condições materiais de existência, as experiências relacionais primordiais e a prática de acções, de objectos, de espaços e de tempos estruturados, e os efeitos da necessidade biológica”, como se “produzisse uma leitura biológica (e especialmente sexual) das

propriedades sociais e uma leitura social das propriedades sexuais, conduzindo assim a uma reexploração social das propriedades biológicas e a uma reutilização biológica das propriedades sociais (Bourdieu, 1980a: 134)”.

Assim, e em síntese, poderemos afirmar, com Loïc Wacquant (2004), que o habitus, variando no espaço, no tempo e de acordo com as distribuições de poder, é uma **matriz socialmente construída de disposições** para a acção susceptível de ser **transferível, durável e propulsora de inércia incorporada**, o que explica o **desfasamento** possível entre o passado e o presente na sua **actualização** quotidiana. Não sendo uma réplica única de uma estrutura social e não sendo necessariamente unificado, o habitus não é um mecanismo auto-suficiente para a geração da acção (opera sempre no interior de campos, mais ou menos, estruturados e necessita, para agir significativamente, de ser interpelado situacionalmente neste), estando, por isso, tão preparado para explicar a **transformação** como a **reprodução**, podendo ser *clivado*.

(vii) É neste quadro, e na linha, entre outros, de Norbert Elias, que Pierre Bourdieu propõe um objecto de análise sociológica alternativo que “não é nem o indivíduo (...), nem os grupos como conjuntos concretos de indivíduos, mas a relação entre duas realizações da acção histórica. Ou seja **a dupla relação obscura entre os habitus, (...) e os campos (...)**; e, evidentemente, **tudo o que surge dessa relação**, quer dizer **as práticas e as representações sociais** ou os **campos** desde que eles se apresentam sob a forma de realidades percebidas e apreciadas” (Bourdieu e Wacquant, 1992: 102, destaques nossos).

Assim, e sistematizando, um tal objecto identifica, de forma clara e inequívoca, o real social como obrigatoriamente relacional (Elias), evidencia a relação entre o habitus e o campo como, num primeiro momento, uma relação de condicionamento (Marx e Weber), mas também, e num segundo momento, como uma relação de conhecimento e de construção cognitiva (Durkheim). Verificaremos, seguidamente, como esta abordagem, que, entre outros aspectos, dá corpo ao antigo propósito de Halbwachs de compatibilização de eixos analíticos próprios da teoria durkheimiana e da teoria das classes sociais, foi largamente retomada nos trabalhos especificamente dedicados à problemática das classes sociais de Bourdieu. Será esse o tema das lições seguintes.

Sessões de Orientação Tutorial nº1 e nº2:

As duas primeiras sessões de orientação tutorial realizar-se-ão de forma concentrada, por ocasião da segunda lição do curso. Na ocasião, e a pretexto do visionamento comentado do filme de Pierre Carles *La Sociologie est un sport de combat* (Paris, Productions/Éditions Montparnasse, 2001), serão estabelecidas coordenadas detalhadas de operacionalização do programa de pesquisa de Pierre Bourdieu.

Sessão de Orientação Tutorial nº 3:

A presente sessão será preenchida (a partir de uma preparação prévia por um ou mais estudantes) com a discussão da seguinte obra³:

Charles Suaud

1978 - *La Vocation. Conversion et reconversion des prêtres ruraux*, Paris, Minuit.

[Tratando a formação do habitus sacerdotal e a posterior crise da sua constituição, o presente trabalho é frequentemente considerado um dos exemplos mais bem conseguidos de dinamização empírica do conceito de habitus; ainda que transcenda a sociologia das classes e das culturas de classe que centralizam as atenções do seminário, a leitura e discussão do presente trabalho na sessão de orientação tutorial permite esclarecer o alcance alargado a que a mobilização do programa de pesquisa de Bourdieu poderá estar sujeito, para além de permitir a preparação paulatina de algumas das lições seguintes do seminário, ao retratar um processo de crise de reprodução de um grupo social; um dos propósitos da organização do curso passa por articular esta sessão de orientação tutorial com uma conferência a realizar por Charles Suaud num momento posterior do seminário, em que o autor apresentará o seu mais recente livro Prêtres et ouvriers]

³ As sugestões de leitura efectuadas no quadro das sessões de orientação tutorial apresentadas ao longo de todo o seminário constituem elementos de referência articulados com os trabalhos e temas discutidos no âmbito das lições. A sua mobilização destina-se a esclarecer e a aprofundar, através de um debate que vá de encontro aos problemas dos estudantes, os conteúdos centrais do seminário. Nesse sentido, estas são ainda e apenas primeiras sugestões. Do debate prévio com os estudantes relativamente à dinamização das leituras poderão decorrer sugestões complementares e alternativas às agora sugeridas.

A preparação das Lições nº2 e nº3 deverá contemplar a realização do seguinte programa de leituras:

Pierre Bourdieu

1971 - « Genèse et structure du champ religieux », *Revue française de sociologie*, XII, pp. 295-334.

1971 - « Une interprétation de la théorie de la religion selon Max Weber », *Archives européennes de sociologie*, XII, pp. 3-21.

[*Textos de referência para compreender a génese do conceito de campo*]

1972 - *Esquisse d'une théorie de la pratique*, Genève, Droz.

[*Existe uma tradução portuguesa, editada pela Celta em 2002, de muito boa qualidade disponível na Biblioteca da FLUP; para uma consolidação das proposições sociológicas relativas ao conceito de habitus, é particularmente relevante proceder à leitura da Segunda Parte*]

1979a - *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris, Minuit, 1979.

[*Livro a consultar exploratoriamente nestas duas lições*]

1979b - « Les trois états du capital culturel », *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 30, pp. 3-6.

[*O presente texto será alvo de tratamento pedagógico exaustivo durante uma das duas lições aqui apresentadas*]

1980a - *Le Sens Pratique*, Paris, Minuit.

[*Livro que teoriza e operacionaliza plenamente o conceito de habitus; a consultar por quem necessitar de conhecer aprofundadamente a utilização do conceito realizada pelo autor*]

1980b - *Questions de Sociologie*, Paris, Minuit.

1989a - *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.

1989b - *La Noblesse d'État. Grands écoles et esprit de corps*. Paris, Minuit.

[*Livro a consultar exploratoriamente nestas duas lições*]

2004 - *Esquisse pour une auto-analyse*, Paris, Raisons d'Agir.

[*Existe tradução portuguesa editada pelas Edições 70; trata-se de uma leitura útil para quem queira documentar o esforço de auto-objectivação desenvolvido por Bourdieu no final da sua carreira*]

Bourdieu, Pierre (com Loïc Wacquant)

1992 - *Réponses*, Paris, Seuil.

[*Para uma apresentação geral dos principais problemas levantados pela obra de Bourdieu, deve ler-se obrigatoriamente a introdução de L. Wacquant*]

Patrick Champagne; Olivier Christin

2004 - *Mouvements d'une pensée, Pierre Bourdieu*, Paris, Bordas.

[*Texto que permite efectuar uma introdução muito fundamentada aos principais problemas colocados pela sociologia de Bourdieu; trata-se de um texto muito útil para quem domine menos bem a obra do autor*]

Loïc Wacquant

2004 - "Esclarecer o habitus", *Sociologia, Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da universidade do Porto*, nº 14, pp. 35-41.

[*Síntese pedagogicamente muito útil para uma consolidação do conhecimento em torno do conceito de habitus*]

2007 - "Seguindo Pierre Bourdieu no terreno", *Cadernos de Ciências Sociais*, 24, pp. 69-95.

[*O presente texto, com segmentos discutidos na primeira das duas lições apresentada, constitui uma leitura introdutória de relevo no entendimento da obra sociológica de Bourdieu e do modo como foi moldada pelas experiências etnográficas que o autor foi vivendo*]

Lições nº4 e nº5

Tema: Compreender as dinâmicas do *campo* das classes sociais nas sociedades contemporâneas de acordo com os resultados da investigação de Pierre Bourdieu

Sumário Desenvolvido

- 2. Compreender as dinâmicas do *campo* das classes sociais nas sociedades contemporâneas de acordo com os resultados da investigação de Pierre Bourdieu**
 - 2.1. Sobre a construção da classe**
 - 2.1.1. Construção teórica e dinamização da análise: algumas rupturas e opções teóricas**
 - 2.1.2. Conhecer a classe a partir do *volume* e da *estrutura* dos capitais**
 - 2.2. Classes, estilos de vida e culturas de classe**
 - 2.2.1. *O sentido da distinção* e a burguesia**
 - 2.2.2. *A boa vontade cultural* da pequena-burguesia**
 - 2.2.3. A escolha do *necessário* nas classes populares**
 - 2.3. Compreender os modos de dominação através das *estratégias de reprodução*, dos *mecanismos de reprodução* e dos *modos de reprodução***

(i) Sendo o propósito deste seminário ensaiar um olhar sistemático sobre as dinâmicas constitutivas das classes sociais e das respectivas culturas, e tendo vindo a construir um ponto de vista sociológico inspirado na revisitação dos clássicos da sociologia e na reformulação do seu objecto tal qual esta foi elaborada em sede de trabalho teórico-prático no âmbito das investigações desenvolvidas por Pierre Bourdieu, retemos, nas presentes duas lições com especial atenção, os principais contributos que poderemos retirar do seu trabalho para a refundação de uma teoria sobre as classes sociais e das culturas de classe. Um tal propósito é realizado com base em três procedimentos fundamentais: num primeiro, procuramos reter os conteúdos substantivos mais efectivos que poderemos retirar do seu trabalho para uma definição do conceito sociológico de classe social e, necessariamente, os quadros de relacionamento paradigmático alternativo que neste se poderão fundamentar; num segundo

momento, retomemos, muito brevemente, algumas das coordenadas teóricas mais relevantes resultantes dos estudos que levou a cabo na França a propósito dos processos de formação das classes sociais e do relevo das dinâmicas da legitimação cultural nestes; por fim, articulamos os resultados de ambos os procedimentos e procuramos mobilizá-los tomando por referência a teoria de Bourdieu sobre os *modos de reprodução* das classes e dos grupos sociais.

(ii) Fiel aos princípios durkheimianos de que o social existe nas coisas e nos cérebros, Bourdieu desenvolve um longo exame da teoria sociológica das classes sociais que, devendo bastante a Marx e a Weber, produz uma combinação importante de vários dos propósitos analíticos destes dois autores, ainda que deles se distinga. Entre vários aspectos a destacar, um primeiro passará pela distinção bourdieusiana entre *classe real* e *classe no papel*, facto não irrelevante para se compreender a ruptura com o substancialismo marxista na conceptualização aqui envolvida, ou a própria ruptura com as reificações administrativas no tratamento das divisões sociais. Na teoria assim desenvolvida, a *classe social é uma construção*.

É com base num tal entendimento que o sociólogo procura *compreender* e *prever* as *práticas* e *representações*, ensaiando assim uma explicação para a formação dos grupos sociais e, simultaneamente, procurando conceptualizar os quadros sociais que permitem a *mobilização* dos grupos e a sua transformação em *grupos reais*.

Assim, construídas, enquanto lugares, pela importância das relações de produção, as classes sociais sistematizam combinações de diferentes tipos de capital. Definir a posição de um agente é, assim, um processo realizado, num primeiro momento, através da análise do *volume global de capital* que possui, análise essa devidamente articulada, num segundo momento, com o exame da *estrutura* da *composição* destes capitais. Para a definição desta última, o capital económico tem um relevo cimeiro, mas é muito importante consagrar, pelas cambiantes que introduz, o capital cultural, e as restantes formas, com destaque para, pelo menos, o capital social e o simbólico (Bourdieu, 1979: 134-135). Mediante um tal procedimento, será possível compreender as distribuições relacionais de poder no interior do espaço social e ensaiar metodologias para ler o *trajecto* de cada indivíduo, e em especial das *famílias (de classe)*, em tais distribuições.

Compreende-se, assim, a importância assumida pelo quadro de progressiva *convergência e integração de perspectivas* teóricas e práticas na formulação das problemáticas que mais marcam as questões suscitadas na análise das classes sociais, o que motiva o consolidado alargamento do leque de dimensões susceptíveis de agirem articuladamente como poderes actuantes na estruturação das classes.

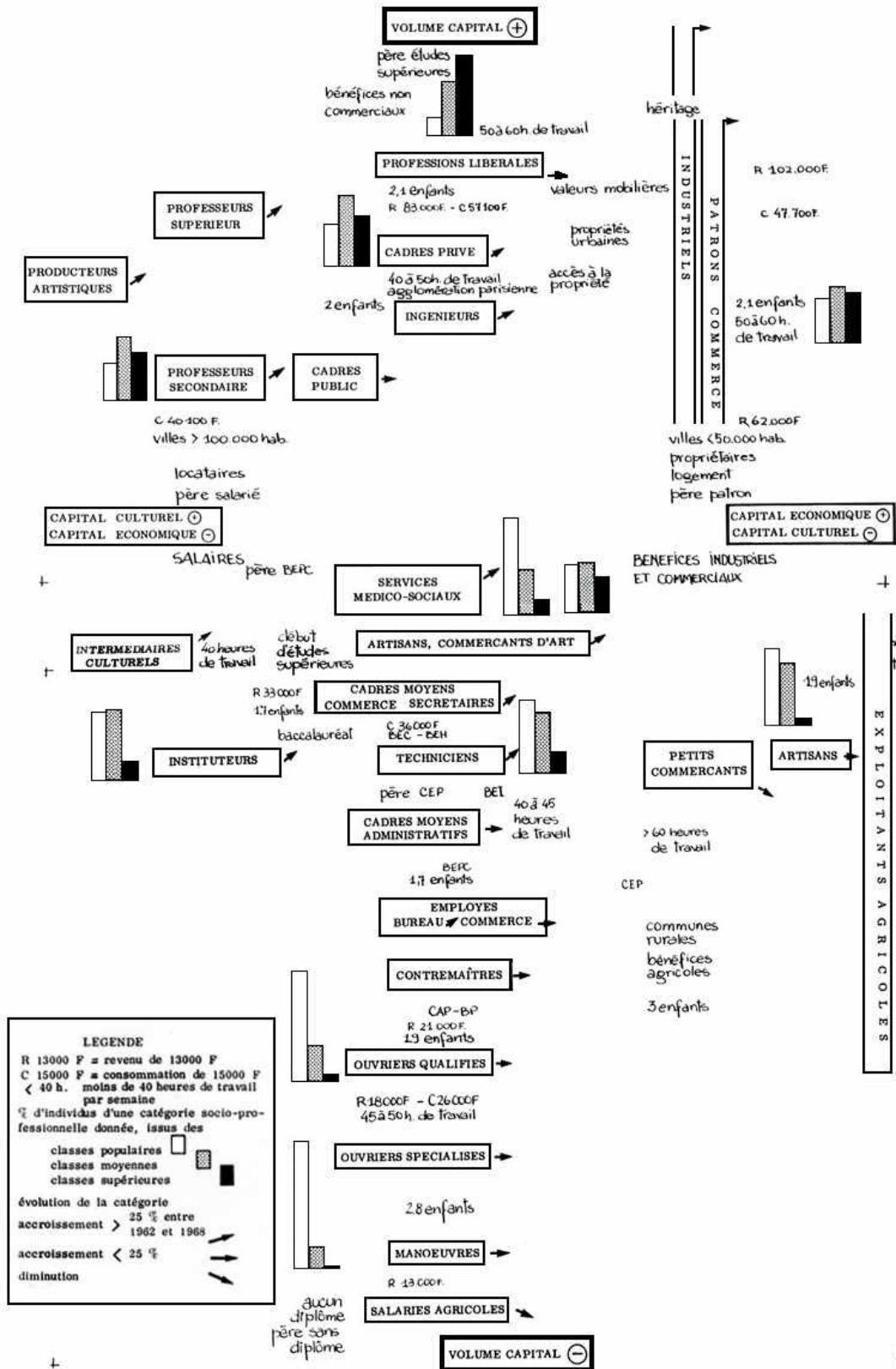
Para não incorrer em determinismos mecanicistas e retendo, para todos os efeitos a centralidade que o económico detém no processo de constituição das divisões sociais de classe, será, por isso, teoricamente muito relevante operar num quadro analítico que consagre a importância das relações de produção (e tornar obviamente relevantes, e desde logo, critérios *políticos* e *ideológicos* na definição destas, para além dos mais orientadamente *económicos*), sem cair em propósitos substancialistas (que levam a confundir a classe objectiva com o grupo real mobilizado), mas também num registo que tenha em conta o legado weberiano, através da *multidimensionalidade* que consagra.

Por sua vez, este é um caminho que ganha igualmente um rumo interrogativo alargado se retomar a tradição analítica de diálogo aproximado com a história (seja ela mais inspirada na história social britânica ou alemã, ou na história cultural francesa).

Com efeito, tomar a estrutura de classes sem a inscrever no tempo e, com isso, sem reter o carácter histórico da sua produção equivale a perder o espaço teórico e prático necessários para uma análise heurística de classes sociais (Bourdieu, 1995: 108-122).

A sociologia das classes (e mesmo naquela em que as inspirações neoweberianas são mais assumidas) não tem estado pouco atenta às possibilidades de empreender análises em que as classes sociais são encaradas como colectividades sociais dotadas de estabilidade *económica, social e política* aptas a serem estudadas sob pontos de vista que acentuam a importância dos respectivos processos de *formação* histórica (e) quotidiana, tal como verificaremos nas lições quase finais do seminário com a leitura dos trabalhos da equipa de Mike Savage na Grã-Bretanha. De resto, um quadro de investigação que não tenha minimamente em conta os processos de formação das classes aumenta as probabilidades de elisão de toda a problemática da acção social, incluindo a de classe, e com ela as questões relativas ao *status* e, em suma, à formação quotidiana das classes sociais enquanto espaço activo de socialização.

Figura 1. O espaço das posições sociais



Fonte: Pierre Bourdieu e Monique de Saint-Martin - "Anatomie du goût", Actes de la recherche en sciences sociales, 11, 1976 : p.10. Retomado, com propriedades adicionais, em Pierre Bourdieu, La Distinction, Paris, Minuit, 1979, pp.140-141.

A contrapartida teórica suplementar deste movimento supõe que, em continuidade com o estudo dos processos de formação do espaço das classes, se articule e materialize uma atenção detalhada ao modo como no interior de cada uma das posições sociais se vão estruturando os habitus dos agentes.

Estaremos, assim, em situação de restituir as condições de (re)produção dos habitus, tanto no plano diacrónico - incorporação de disposições no âmbito do trajecto realizado pelo agente -, como no plano sincrónico - em que se organiza a relação entre *posição* e *condição de classe*, algo que, mais uma vez, nos permite analisar as diferenças e variações que se colocam na (re)produção dos posicionamentos e disposições característicos das classes e das respectivas fracções.

Nesta perspectiva, o estudo dos *estilos de vida* assume-se como uma das dimensões principais do processo de formação quotidiana das classes e das *fracções de classe*, uma vez que estas se reproduzem no âmbito das relações que se estabelecem entre as características pertinentes da condição económica e social (o volume e a estrutura dos diferentes capitais captados na diacronia e na sincronia) e as capacidades do habitus enquanto *princípio gerador* de práticas objectivamente classificadas e sistema de classificação de práticas e produtos (Bourdieu, 1979: 190). Assim, se a primeira das capacidades do habitus se materializa na produção de práticas e de obras classificadas, a segunda manifesta-se na possibilidade de as diferenciar e apreciar, em suma, na capacidade de produzir e reproduzir um gosto (Idem: 195).

(iii) Uma vez verificado o conjunto mais relevante de contributos de Pierre Bourdieu no que diz respeito à construção do conceito de classe social e debatidos alguns eixos de compatibilização complementar entre a linguagem da teoria assim estabelecida e outros domínios da investigação científico-social sobre as classes, importa prosseguir o trabalho pedagógico em torno da sua obra e destacar alguns dos aspectos do seu trabalho dotados de relevância acrescida para a compreensão das classes sociais nas sociedades contemporâneas. Em ampla articulação com o conjunto de proposições conceptuais que acabámos de identificar, encontramos em *La Distinction* um conjunto muito significativo de elementos que será necessário recuperar. Fruto de um trabalho iniciado nos anos 1960 (prolongado até aos anos 1970) e que se materializa numa investigação detalhada sobre a (re)produção do gosto elaborada com recurso a uma gama ampla de metodologias e de técnicas (inquérito por

questionário a mais de 1000 respondentes, com base em trabalho de campo efectuado em Paris e em Lille; entrevistas; análise etnográfica; análise de imprensa; análise de arquivos; análise estatística multivariada; análise crítica do discurso; análise interaccional), não é fácil organizar um retrato sistemático de todo o conjunto de informações sociologicamente pertinentes disponíveis nesta obra. Para além de todas as questões relativas à metodologia sociológica desenvolvida, pensamos que se revelará científica e pedagogicamente muito útil poder estabelecer um debate em torno de alguns eixos organizadores da obra aqui em causa, eixos esses que, contrariamente a uma visão menos prevenida, parecem ser largamente resistentes ao tempo e à algo recorrente acusação (em alguns contextos) de que estaríamos aqui hoje perante uma obra com dados datados.

O ponto de partida a referenciar neste domínio passa assim pela identificação da existência de uma ampla interligação entre os processos de divisão social, tal como apresentados na teorização que suporta a Figura 1, e os fenómenos culturais, sendo os estilos de vida elementos definidores das classes sociais e das respectivas fracções. Os fenómenos culturais encarados enquanto sistemas de disposições e de tomadas de posição (ou o que, numa perspectiva dinâmica, temos vindo a designar ao longo do curso como *trabalho de simbolização*), são elementos activos nos processos de (luta pela) legitimação prática e simbólica das desigualdades.

A partir do trabalho assim estabelecido, Bourdieu, alicerçado numa visão tripartida do espaço social, estabelece um conjunto de coordenadas interpretativas das relações construídas em cada uma das respectivas regiões entre economia, sociedade, cultura e política, de que poderemos destacar, num elenco não exaustivo, as seguintes:

- a) Por força da elevada concentração de capitais, os agentes que ocupam as **posições dominantes** do espaço social, constituem esta região num quadro mais autónomo do que as restantes. A elevada concentração de capitais suscita a existência de princípios de diferenciação muito activos na definição significativa das particularidades sociais, culturais e políticas que se podem identificar no interior do espaço em causa, que assim define claramente sub-regiões. Estas constituem-se, tal como podem ser captadas pelo investigador, a partir da combinação incorporada de distribuições simétricas e inversas de capital económico e cultural, assim definindo **estruturas patrimoniais**, que conjugadas com a **trajectória** no tempo (e no espaço físico, teorizará o autor

mais tarde) dos indivíduos e das suas famílias no espaço social aqui em causa, estabilizam divisões sociais e produzem divisões culturais dotadas de especial densidade simbólica. A autonomia assim produzida e reproduzida do espaço da classe dominante estabelece-se, num primeiro eixo, em torno da divisão entre fracções dotadas de combinações diferenciadas de capital, sendo a mais evidente a que opõe os agentes com um volume elevado de capital definido pelo peso relativo acrescido do capital económico (*fracção dominante da classe dominante*) aos agentes dotados de um volume elevado de capital definido pelo peso relativo acrescido do capital cultural (*fracção dominada da classe dominante*), situando-se os diferentes membros da classe numa relação mais ou menos aproximada com os pólos assim formados; num segundo eixo, as divisões aqui envolvidas desenham-se em torno da história incorporada e institucionalizada do relacionamento com as diferentes combinatorias de capitais, remetendo-nos para a *antiguidade* individual e familiar *no privilégio* (económico, cultural ou em ambos), diferenciando, em suma, aqueles que chegaram há muito daqueles que são recém-chegados, os *estabelecidos* e os *outsiders*. O exercício analítico complementar a este passa assim por identificar o modo como estas divisões são originalmente constituídas por diferenças equivalentes em matéria de estilos de vida e de sistemas de disposições estéticas (relação com a obra de arte, com o mobiliário, com o corpo, com a alimentação e o desporto) e éticas, ou mesmo políticas. A classe dominante é, assim, o espaço onde o gosto (dominante, já que marcado pela *coincidência percebida entre o ser e o dever ser*), sendo distinto, não é homogéneo nessa distinção, estando sujeito a variações como as que passam pela oposição entre um *gosto burguês* e um *gosto intelectual*, de que são solidárias visões sobre o modo de agir no mundo como aquelas que se estruturam na oposição entre *poder temporal* e *poder espiritual* de que a relação com a ética e a política na classe é tributária (Bourdieu, 1979: 293 e seguintes);

- b) A estrutura do espaço social no interior das suas *posições intermédias*, ou da *pequena-burguesia*, assume uma configuração que é análoga, à sua escala, à da lógica documentada na classe dominante. As propriedades sociais em acção no interior da classe se a definem globalmente pelo seu carácter *intermédio*, já que estamos perante um posicionamento burguês que, para resistir (e resiste fundamentalmente pela gestão do sacrifício nas práticas e nos consumos, pela opções de investimento, mais ou menos ascético, na

banca e na escola e pelo eterno retorno aos princípios do *numerus clausus* na organização do quotidiano e do projecto de vida), se faz *pequeno*, são, no entanto, também sensíveis às combinações de sinal contrário entre capital económico e capital cultural e ao peso das *orientações para o passado ou para o futuro* e, com estas, à definição de pólos *pré-determinados*, propensos à produção de posições *declinantes*, *estáveis* e *ascendentes*, ou tendencialmente *indeterminadas*. No quadro de tais posicionamentos, estruturam-se assim sistemas de disposições para a acção diferenciados que, reconhecendo-se de um modo tendencialmente tenso (Bourdieu, chamar-lhe-á, em determinadas condições, pré-tenso e pretensioso) no reconhecimento cultural, ora acentuam *di-visões* do mundo potencialmente *regressivas*, *repressivas* e *conservadoras*, ora revelam princípios de *di-visão ascéticos* ou plenamente marcados pela *boa vontade cultural* e pelo *dever de prazer* mais ou menos reflexivamente accionado (Idem: 363 e seguintes);

- c) Ainda que o retrato produzido sobre as *classes populares* esteja longe de as retratar como homogéneas, há, sem dúvida, nos traços sociais mais destacados por Bourdieu sobre esta região do espaço social um lugar explicativo cimeiro atribuído ao peso da *dominação*. Esta dominação sentida e vivida é responsável pela definição dos aspectos mais relevantes do habitus cultural e político aqui produzido e unifica as experiências, em função da *privação* que impõe, em torno do *gosto de necessidade* e de um *princípio de conformidade* responsável pela definição de operadores simbólico-ideológicos dotados de especial incidência na reprodução das *competências práticas* e *simbólicas (maîtrise)* próprias dos agentes assim posicionados. Deverá, contudo, reconhecer-se que os princípios definidores do habitus e as suas incidências nas competências mobilizadas pelos agentes estão também sujeitos a variações relevantes no interior da classe que serão tributários da antiguidade na condição e na relação com a instrução, assim se criando as condições sociais responsáveis pela produção de hierarquias internas como as que separam os operários industriais do campesinato e dos assalariados agrícolas, os operários qualificados dos não qualificados, o operariado do subproletariado e dos correlativos estilos e projectos de vida (Idem: 433 e seguintes).

(iv) Para além dos desenvolvimentos específicos encontrados em *La Distinction* sobre a relação com a política nas três regiões do espaço social (Bourdieu, 1979: capítulo 8), a obra de Bourdieu encerra igualmente uma teorização pormenorizada sobre a dominação, o campo do poder e a divisão do trabalho que implica. Partindo de muitos dos adquiridos teóricos elaborados na obra que temos vindo a acompanhar, em particular todos aqueles que dizem respeito ao entendimento das classes enquanto espaços de socialização, Bourdieu teoriza em *La Noblesse d'État* e, posteriormente, num artigo intitulado “Stratégies de Reproduction et Modes de Domination” (Bourdieu, 1994: 3-12) aquela que será, na nossa perspectiva, a questão que valerá a pena destacar para efeitos de dinamização, a partir da teoria da prática, do seminário que estamos a desenvolver. Referimo-nos à teorização articulada dos *modos de dominação* e dos *modos de reprodução*. Para além de o exame da teoria em causa permitir ilustrar, mais uma vez, o carácter progressivo da construção conceptual realizada pelo autor, a teorização mencionada permite ainda a resolução de alguns equívocos interpretativos a que a recepção da teoria da prática tem estado sujeita e, por fim, resulta numa demonstração pedagogicamente heurística de um programa geral de pesquisa empírica.

Temática antiga na sociologia de Bourdieu, a dominação e o seu efeito ordenador, mas sempre dinâmico, da sociedade são captados pelo autor no quadro de uma teoria dos *modos de reprodução*. Os diferentes modos de reprodução resultam, numa reatualização dos conteúdos cimeiros da teoria da prática, do encontro entre dois princípios, os que dizem respeito às estruturas objectivas, ao modo como os capitais se distribuem na sociedade e aos mecanismos responsáveis pela sua reprodução, e às estruturas subjectivas, as disposições. Sistematizando, como dizíamos, resultados de investigações sobre os objectos mais variados, Bourdieu ensaia a conceptualização dos diferentes modos de reprodução e, em especial, sobre as diferentes estratégias de reprodução que servem para a dinamização de cada um daqueles (Bourdieu, 1994: 5).

Problemática gerada a partir das preocupações iniciais do autor que o levam a assumir plenamente a noção de *estratégia* no seu vocabulário, em detrimento do conceito estruturalista de regra, e da respectiva articulação dinâmica com a lógica aberta do *jogo*, o esforço de classificação analítica construído perspectiva-se como uma actividade unificadora de contributos disciplinares diversos. Ainda que, frequentemente e como salienta o autor, misturadas e interdependentes, é possível reunir as estratégias de reprodução num conjunto específico de classes. Podem assim

identificar-se as estratégias como de (1.) *investimento biológico*, envolvendo (1.1.) *estratégias de fecundidade* e (1.2.) *estratégias profiláticas*, (2.) *estratégias de sucessão*, (3.) *estratégias educativas*, de que as (3.1.) *estratégias escolares* são dimensão relevante, (4.) *estratégias de investimento económico*, (5.) *estratégias de investimento social*, de que as (5.1.) *estratégias matrimoniais* são parte, e (6.) *estratégias de investimento simbólico*, de que as (6.1.) *estratégias de sociodiceia* são dimensão consagrada. Geridas e reproduzidas familiarmente (o que justifica toda a argumentação em torno da pertinência da conceptualização da classe e da fracção de classe tomando o grupo doméstico como unidade de análise), as estratégias de reprodução, que constituem um *sistema* (ou seja, accionam-se eficazmente em inter-relação) têm uma configuração cronologicamente articulada e justificam, em si, uma história comparada do modo da sua implementação. Contudo, a potenciação alargada do seu carácter socialmente revelador é, na realidade, maximizada quando estas estratégias são lidas em relação com *mecanismos de reprodução*, tenham estes, ou não, uma configuração institucionalizada, e dotados de uma configuração que é igualmente sistémica. É, por isso, do encontro entre um sistema de estratégias de reprodução e um sistema de mecanismos de reprodução que se constrói a noção de *modos de reprodução*, permitindo, assim, captar historicamente a capacidade variável de se instaurarem, duradouramente e de forma consentida, relações sociais desequilibradas que ultrapassam os limites de vida daqueles que as protagonizam (Idem: 5-7).

Se o problema básico que assim é necessário afrontar analiticamente não obedece a grandes mudanças (a saber, como se reproduz a ordem social? Ou, como se reproduzem as classes e os grupos no quadro dessa ordem?), não só os sistemas de estratégias de reprodução e os mecanismos de reprodução nem sempre se mantêm imutáveis como também o respectivo encontro não obedece a articulações obrigatoriamente perenes. O mais apurado dos exemplos dessa transformação passa precisamente pela emergência das sociedades capitalistas e pelo conjunto novo de sistemas de estratégias, de mecanismos e de articulações entre ambos que assim se geraram. No quadro de uma argumentação muito aprofundada (que, em termos temáticos, ultrapassa os limites do relatório que agora se apresenta, mas que, por essa via, documenta bem a postura teórica aqui em causa), que leva Bourdieu a desenvolver argumentos em torno da história da razão de Estado (em mais um movimento analítico de inter-relação activa dos legados weberiano, marxiano e durkheimiano), é assim possível compreender o carácter progressivamente equivocado das estratégias matrimoniais tradicionais na reprodução do campesinato

na sociedade rural que se transforma com o contacto com o capitalismo, ou a emergência e consolidação do *modo de reprodução escolar* ou os novos conteúdos do *modo de reprodução familiar* nas sociedades capitalistas consolidadas (sobretudo no interior de determinados grupos sociais privilegiados) e o que resulta do respectivo encontro, a saber, uma *gestão familiar da escola* (Bourdieu, 1994: 7-12; 1989b: pp. 396-427; ver também Wacquant, 2007).

(v) Assim, tudo indica, por isso, que o objectivo inicial de desenhar um programa de pesquisa a implementar, a partir da gama variada de preocupações analíticas próprias da teoria da prática, terá condições de ser operacionalizado. No quadro de um trabalho conceptual de fôlego alargado alicerçado na busca de um entendimento sociológico para o ligame social e para o lugar do poder neste, pensamos que teremos, deste modo, condições para operacionalizar, de um modo teoricamente controlado e no quadro de um *racionalismo aplicado*, tal como advogariam Bachelard ou Canguilhem, a definição precisa dos problemas sociológicos a construir no quadro das teses de doutoramento que o seminário visa originar. Nesta definição, e para além da articulação entre o trabalho de delimitação teórica e o trabalho concreto de definição empírica da investigação, uma das opções a realizar passa também por acentuar a pertinência de uma atenção especial à *gênese* dos fenómenos sociais, o que abre perspectivas de trabalho de articulação de conhecimentos a realizar entre a sociologia e a história. Se a perspectiva genética que assim se advoga é, nesta medida, uma das componentes principais do trabalho de definição a desenvolver, uma outra passará, sem dúvida, pela necessidade de orientar o conhecimento sociológico a partir de uma perspectiva que se revele capaz de *compreender* os agentes sociais, as suas relações e situações, num quadro metodológico alargado e capaz de se libertar das *monomanias* que se impuseram na história da sociologia do século XX, ou seja, apto a articular, no esforço de *objectivação*, os dispositivos analíticos próprios do quantitativo e do qualitativo. Só assim haverá, na nossa perspectiva, condições para implementar uma dinâmica de *análise comparada*, tanto mais rica em resultados quanto se revelar capaz de se constituir como *pesquisa de terreno*, a *partir de baixo* (“from below”) e no quadro do seu *primado epistemológico*, ou nos preceitos próprios, por exemplo, da *etnografia multissituada*.

O conjunto de lições que se segue no seminário do curso visa, precisamente, responder a esse propósito. As sete lições subsequentes procuram estabelecer um patamar actualizado de conhecimentos sociológicos sobre problemas elementares de

reprodução, crise e transformação das classes sociais. Num segundo momento, constituído por duas lições finais, procura-se mobilizar o percurso teórico inicial e o caminho subsequente seguido para um trabalho de síntese aplicada, neste caso constituído pela apresentação e discussão de duas investigações que mobilizam quadros analíticos compatíveis com o percurso efectuado.

Sessões de Orientação Tutorial nº4 e nº5:

As duas sessões de orientação tutorial serão preenchidas com a produção de um programa de discussão em torno das incidências teóricas e metodológicas de *La Distinction*. Propõe-se nesse âmbito que sejam discutidas as relações entre o modelo teórico de Bourdieu e o modelo de análise de dados por si implementado e que se retenham as respectivas consequências noutras pesquisas neste directamente inspiradas. A discussão será realizada tomando por referência os seguintes trabalhos, cuja leitura será previamente preparada por um ou mais estudantes:

Henry Rouanet; Werner Ackerman; Brigitte Le Roux

2005 - “A análise geométrica de questionários. A lição de *La Distinction* de Bourdieu”, *Sociologia, Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 15, pp. 43-52.

[*Trabalho realizado por especialistas em análise de dados que colaboraram directamente com Pierre Bourdieu nos seus estudos, o presente artigo produz uma reflexão muito aprofundada sobre os problemas de natureza matemática e estatística que motivavam a atenção de Bourdieu no momento de produção de La Distinction e o significado da sua adopção tanto do ponto de vista da análise multivariada de dados como das suas relações com a sociologia*]

A. Prieur; L. Rosenlund ; J. Skjøtt-Larsen

2008 - “Cultural Capital Today - A Case Study from Denmark.” In: *Poetics - Journal of Empirical Research on Culture, the Media and the Arts*, vol. 36, pp. 45-70.

[*Trabalho sobre a estruturação do espaço social, e do capital cultural neste, na Dinamarca contemporânea, mais concretamente na cidade de Aalborg, o presente estudo é um exemplo sobre o tipo de mobilização comparativa a que a dinâmica de investigação implementada em La Distinction tem estado sujeita na sociologia*]

contemporânea; estudo recente, possui informações actuais e soluções inovadoras que demonstram o potencial analítico da proposta efectuada pelo autor nos anos 1960 e 1970 sobre a França de então]

Programa de leituras para as lições nº4 e nº5:

Pierre Bourdieu

1979 - *La Distinction*, Paris, Minuit.

[Para documentar os aspectos mais densos do programa da lição, a leitura, ou releitura, dos capítulos 5, 6 e 7 deste livro é decisiva; leitura exigente, destina-se a aprofundar o conhecimento de um dos mais relevantes trabalhos do autor e que permitiu a afinação conceptual apresentada, bem como a sistematização de propriedades culturais das classes desenvolvida]

1989a - *La Noblèsse d'État*, Paris, Minuit.

[Uma das obras maiores de Bourdieu, essencial para prolongar o olhar estabelecido tomando La Distinction como referência, desta feita, acentuando uma perspectiva sobre os agentes da classe dominante e do campo do poder; leitura complementar destinada a aprofundar conhecimentos sobre a classe dominante, é no capítulo 1 da Quarta Parte que se fundamenta o conjunto de proposições relativas à teoria da reprodução apresentada neste bloco de duas lições]

1989b - « Espaço social e génese das classes », *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.

[Este será, dos textos de Bourdieu, aquele que melhor poderá resultar como uma leitura introdutória e de síntese da teoria que decorre de La Distinction; para os estudantes que não tenham um conhecimento aprofundado da obra do autor, deverá ser este o primeiro texto a ler antes de aprofundar a leitura dos capítulos mencionados de La Distinction]

1993 - « Comprendre » in Pierre Bourdieu (org.), *La Misère du Monde*, Paris, Seuil, pp. 903-939.

[O texto em causa documenta o entendimento da inter-relação entre postura teórica e metodológica na implementação do trabalho sociológico de Bourdieu; texto chave para a documentação de tal entendimento, a segunda das lições aqui apresentada terminará com a discussão de algumas das suas incidências e aspectos]

1994 - « Stratégies de reproduction et modes de domination », *Actes de la recherche en sciences sociales*, 105, pp. 3-12.

[*O presente texto permite documentar os aspectos mais relevantes da teoria dos modos de reprodução proposta por Bourdieu. A sua leitura, de preferência em complemento com La Distinction e La Noblèsse d'État, é fundamental para o entendimento das proposições sociológicas apresentadas no seminário sendo alvo de discussão neste*]

1995 - “Sur les rapports entre la sociologie et l’histoire en Allemagne et en France”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 106-107, pp. 108-122.

[*A leitura do presente texto permite documentar a relevância atribuída pelo autor às relações entre história e sociologia*]

1997 - “Violence symbolique et luttes politiques”, *Méditations pascaliennes*, Paris, Seuil.

[*Leitura obrigatória para a compreensão das dinâmicas da mobilização política; existe tradução portuguesa, editada pela Celta Editores, de boa qualidade na Biblioteca*]

2000 - *Propos sur le champ politique*, Lyon, PUL.

[*Ler especialmente pp. 80-88; 93-97*]

Gérard Noiriel

2006 - *Introduction à la socio-histoire*, Paris, La Découverte.

[*Algumas passagens do presente livro dão indicações muito importantes para a fundamentação, na perspectiva de um historiador muito atento ao trabalho sociológico, das teses defendidas por Bourdieu em matéria de relação entre história e sociologia; um pequeno livro que possui, no entanto, grandes virtudes pedagógicas que são mobilizadas ao longo do curso, com especial incidência nestas duas lições*]

Virgílio Borges Pereira

2005 - *Classes e Culturas de Classe das Famílias Portuenses*, Porto, Afrontamento, capítulo1.

[Para documentar exhaustivamente os aspectos mais relevantes da argumentação do professor na mobilização construída da proposta teórica de Bourdieu, tomando por referência os trabalhos do autor e as compatibilizações correspondentes, a presente leitura poderá servir de guia de referência complementar]

Loïc Wacquant

2007 - “Lendo o Capital de Bourdieu” in Pinto, José Madureira e Pereira, Virgílio Borges (Orgs.), *Pierre Bourdieu, a Teoria da Prática e a Construção da Sociologia em Portugal*, Porto, Afrontamento, 2007, pp. 295-312.

[Texto de referência para uma introdução fundamentada à teoria desenvolvida por Bourdieu (e Monique de Saint-Martin) em La Noblèsse d'État]

Lições nº6 e nº7

Tema: As dinâmicas do *campo* das classes sociais nas sociedades contemporâneas e as respectivas incidências na (re)produção das *disposições* e das *tomadas de posição* sociais (1).

Sumário Desenvolvido

3. As dinâmicas do *campo* das classes sociais nas sociedades contemporâneas e as respectivas incidências na (re)produção das *disposições* e das *tomadas de posição* sociais (1)

3.1. A crise de reprodução no campesinato a partir do olhar de Pierre Bourdieu em *Le Bal des célibataires* e de Patrick Champagne em *L'Héritage refusé*.

3.1.1. A crise de reprodução do campesinato do Béarn segundo Pierre Bourdieu

3.1.1.1. A relação entre casamento, herança e *dote* na reprodução camponesa tradicional

3.1.1.2. Hierarquia fundiária e dominação masculina

3.1.1.3. A gênese do *novo* celibato e a ruptura do sistema de estratégias de reprodução tradicional

3.1.2. Aprofundando argumentos materiais e simbólicos para compreender a crise de reprodução do campesinato na Mayenne e na Bresse segundo Patrick Champagne

3.1.2.1. Técnica, economia, sociedade e cultura na crise de transmissão do património fundiário (implicações teóricas e metodológicas)

3.1.2.1.1. Repensar a lógica monográfica

3.1.2.1.2. Compreender a emergência do *envelhecimento* camponês como *problema*

3.1.2.1.3. A desvalorização do trabalho agrícola

3.1.2.1.4. Velhos camponeses e jovens agricultores na relação entre capital económico e capital cultural

(i) Para um sociólogo frequentemente identificado, sobretudo quando apressadamente lido, com visões imobilistas da sociedade, não deixa de ser particularmente significativo que um segmento muito relevante do conjunto conceptual por si elaborado tenha sido construído para documentar e compreender sociologicamente situações de profunda transformação social, situações de crise, de mudança intensa e violenta que colocavam em causa modos de reprodução seculares como os que diziam respeito ao mundo social da Cabília e do Béarn - um e outro, em modalidades e com histórias diferenciadas, experimentando e vivendo momentos decisivos de crise no período em que eram analisados por Bourdieu.

Numa demonstração, com elevados efeitos pedagógicos, aliás, de como a eficácia dos processos de reprodução social se torna paradoxalmente visível precisamente nos momentos em que os sistemas de estratégias de reprodução e os sistemas de mecanismos de reprodução deixam de encontrar respostas à altura do mundo que os viu nascer e produzir-se nos seus encontros, Bourdieu ensaia em *Le Bal des célibataires* a compreensão, através de análise etnográfica, de entrevistas aprofundadas, de inquérito e reconstituição de genealogias, de um processo de não reprodução de um grupo social. Elaborado, a partir de diferentes planos analíticos pensados em modalidades diversas ao longo do tempo e com base num trabalho de campo realizado em 1959-60 no contexto de Lesquire, no Béarn natal, o livro é, na realidade, o resultado de um revisitar a vários tempos de um velho tema de investigação de Bourdieu que foi sendo analisado com recurso a quadros conceptuais sucessivamente aperfeiçoados.

Para o desenvolvimento da investigação, Bourdieu começa por fazer incidir o seu olhar na história local e ensaia, na primeira parte da investigação, um retrato denso da relação entre celibato e condição camponesa, organizando, para o efeito, uma caracterização do sistema de trocas matrimoniais na sociedade de antigamente (que garantia a reprodução do grupo camponês) e uma objectivação da emergência da anomia nesta. Analiticamente, o resultado deste esforço permite-nos identificar o modo como esta crise, por força da coincidência de funções no interior do grupo doméstico camponês (produção, consumo e residência) e da sua *racionalidade*, para além de redundar num conjunto importante de contradições internas que impedirão a reprodução do grupo, é solidária de uma releitura da relação que o camponês estabelece com o seu corpo e de uma transformação da própria geografia social

aldeã. Será, por isso, importante destacar os aspectos mais relevantes da análise produzida.

- a) Na sociedade béarnesa de *antigamente*, ou seja, até ao início efectivo e prático da dinâmica própria do século XX, em 1914, o casamento era regido por um conjunto de disposições *muito rigorosas*.
1. Ocasão para uma transacção económica da maior importância para o futuro da casa camponesa, do seu lugar na ordem social local (que era uma hierarquia), o casamento era assunto de grupo, de família, mais do que do indivíduo: a casa e o seu nome permanecem; as gerações passam.
 2. Num contexto social de mobilidade geográfica limitada e de grande raridade do dinheiro, as sociedades camponesas do Béarn, estruturadas numa paisagem de *bocage* típica, foram estabilizando ao longo dos séculos os seus mecanismos de reprodução social em torno de uma regulação específica (obviamente, comum a outros contextos camponeses) do direito de herança. Na impossibilidade de garantir a reprodução da casa da família através de uma repartição efectivamente equitativa entre herdeiros do património familiar (ainda que proclamada como aspiração, a partilha efectiva era, na prática, entendida como uma verdadeira *calamidade social*), o campesinato do Béarn desenvolveu um direito de herança, enquanto direito de propriedade, orientado preferencialmente para o filho varão. Ainda que fosse possível instituir uma herdeira (por ausência de rapazes) e que os filhos mais novos tivessem direitos (sobretudo virtuais, como se começa a perceber) sobre o património, tudo concorria para favorecer o filho mais velho do sexo masculino. Para além de transportar o nome da família e de poder liderar como proprietário da exploração, o *varão* garantia assim a continuidade da casa e ficava, preferencialmente, com todo o património familiar, especificamente, com a casa da família e o seu nome e com o essencial da propriedade da terra.
 3. Sendo o casamento o momento chave na reprodução da ordem social, porque ocasião de uma potencial crise na definição do futuro da família enquanto unidade de propriedade fundiária, a regulação do mesmo dependia de um sistema de equilíbrios apurado em que ao casamento tardio se adicionava a redução do número de filhos, o celibato dos filhos mais novos e a regulação das regras de herança da terra. Na verdade, todo o sistema de regras construído, para além de ter como condição um

número de nascimentos limitado, dependia da eficácia da estruturação do *dote*, que é gerido pelas famílias (eram mesmo os pais a receber o dote relativo ao casamento dos filhos), e, nesse sentido, impunha ao varão um casamento que teria de ser capaz de gerar, independentemente do nível de capital económico fundiário possuído pela família deste, os recursos necessários (através do dote fornecido pela família da mulher com quem o varão casa) para pagar compensações minimamente equivalentes aos seus irmãos e irmãs, de preferência, sem mexer na integridade da propriedade. Na perspectiva das famílias de proprietários de terra, a situação seria tanto mais bem sucedida quanto mais se aproximasse da situação ideal, que passaria pelo casamento de um filho varão de uma família dotada em capital fundiário com uma filha mais nova de uma família igualmente dotada (ainda que, de preferência, e num quadro procurado de potencial equivalência económica, um pouco menos do que a da família do novo marido, para que a dominação masculina não fosse muito abalada), ou a situação inversa, o casamento de uma filha mais velha com um filho mais novo (para não provocar o *fim* de uma *casa* com *nome*, não haveria lugar para o casamento entre herdeiros e também não se favorecia o casamento entre filhos e filhas mais novos, “o casamento da fome com a sede”); em alternativa, e na ausência de uma tal possibilidade, restaria sempre a possibilidade de o filho mais velho hipotecar terra para ganhar dinheiro e pagar aos irmãos, ou a tentativa de adiamento desses mesmos pagamentos aos irmãos, tudo sempre em troca da renúncia dos direitos formais e virtuais à terra da família da parte destes.

4. Os princípios fundamentais da regulação da reprodução do grupo doméstico camponês passavam assim pela *oposição entre filho varão e filho mais novo* e pela oposição entre o *casamento de baixo para cima* e o *casamento de alto para baixo* (em função da classificação das casas em *grandes* e *pequenas* e da relação desequilibrada entre os sexos, em que a dominação é masculina). Ser filho mais novo implicava, assim, um conjunto não muito alargado de opções, que passavam por aceitar o dote e as partilhas, a permanência em casa do irmão a trabalhar sendo solteiro ou, então, a emigração para a cidade (ou para a América) e com isto a renúncia aos direitos sobre a terra da família. Contudo, ser filha mais nova poderia ser uma condição ainda mais gravosa, já que, na perspectiva das famílias, se estava perante um encargo futuro, alguém que seria

necessário *dotar* e que sairia, potencialmente, da família (se permanecesse em casa solteira seria potencialmente um *peso* já que, na perspectiva dominante, não trabalharia tanto na exploração como um irmão).

5. Nestas circunstâncias, o celibato, sendo uma condição não irrelevante no interior da sociedade camponesa tradicional, era sobretudo uma propriedade social dos filhos mais novos, pobres em terra e membros de famílias numerosas, estava, por isso, ligado à situação do indivíduo na ordem social. Contudo, torna-se visível, depois de 1914, uma progressiva transformação de todo o quadro social camponês no Béarn, que, para além de encerrar os sistemas de estratégias de reprodução tradicionais em quadros de acção que progressivamente deixarão de responder, dará origem a um fenómeno de celibato dotado de novas propriedades sociais e simbólicas (Bourdieu, 2002: 19-54).
- b) Os novos solteiros são, como Bourdieu demonstra e afirma, o “signo mais manifesto da crise que afecta a ordem social” (Idem: 56). Ainda que seja lenta a perda de eficácia das estratégias de reprodução baseadas nas trocas matrimoniais fundadas na hierarquia fundiária, o sistema entra progressivamente em crise. O primeiro factor evidenciador da crise passa, desde logo, pela perda de eficácia do dote e pela própria crise prática e simbólica da sua acção, já que deixa de ser possível realizar facilmente equivalências entre o dote e a terra e, com este processo, perde-se também a ligação entre casamento e propriedade fundiária (progressivamente, as dinâmicas sociais do casamento passam a depender de outros domínios, como o dos estilos de vida); em articulação com a crise prática e simbólica do dote, deve também salientar-se a própria crise dos valores tradicionais, com a progressiva diminuição da autoridade familiar em matéria de escolhas matrimoniais (e o correlativo aumento do peso da escolha individual); acrescenta-se ainda a estes processos a própria dinâmica de abertura da sociedade aldeã ao mundo exterior, em particular à cidade e ao facto de esse abandono ser selectivo: a sociedade tradicional impunha sacrifícios relativamente importantes aos filhos e filhas mais novos, compreende-se, por isso, que perante tais dificuldades e à medida que os campos se abrem ao mundo, sejam os mais jovens os primeiros a migrar para a cidade, sendo, na realidade, as raparigas as primeiras a fazê-lo. Este último processo tornará particularmente evidentes as contradições entre a tradição e as novas

possibilidades abertas pela mobilidade (das mulheres). O casamento sofrerá, assim, uma profunda reestruturação: as velhas oposições combinadas entre filhos mais velhos e mais novos e entre camponeses de casas grandes e de casas pequenas são progressivamente substituídas por novas lógicas (fruto do alargamento das áreas matrimoniais para a cidade) e oposições - como a que separa os habitantes da aldeia (*bourg*), mais exposta à urbanização e ao terciário, dos habitantes dos casais (*hameaux*) dispersos, camponeses. De resto, e assim nos aproximamos do centro argumentativo do trabalho em discussão, neste quadro, muitos dos filhos e filhas mais novos passam a casar-se com muito mais facilidade do que outrora o fariam, multiplicando-se os casamentos entre si; os homens da aldeia (*bourg*) facilmente encontram casamento, passando a ser aqueles que vivem nos casais, e em particular aqueles que são filhos varões (já que continua a manter-se a prática de herança preferencial do filho mais velho), a ter mais dificuldades em casar: são eles os novos (velhos, porque envelhecem nas explorações sós) solteiros (Idem: 55-85).

- c) O processo de transformação aqui em causa é, na realidade, um aspecto muito relevante do processo de anomização da reprodução do grupo camponês. Esta anomização, para além de envolver uma evidente mudança na produção social do corpo do camponês, suporta também a emergência de uma oposição geográfica como a que divide o *aglomerado aldeão (bourg)* dos *casais* dispersos e que supõe um relevante processo de diferenciação social traduzido em apropriações muito diferenciadas do espaço físico. Antes de 1914, e como afirmam os informantes de Bourdieu, *todos eram um pouco camponeses*, com a Primeira Guerra Mundial e com a abertura da sociedade, a diferenciação de actividades foi especializando os agentes sociais e alguns destes tornaram-se mais urbanos. Um tal processo teve consequências no espaço e foi-se afirmando com maior evidência no desenvolvimento de um centro aldeão (*bourg*) que, não obstante implicar relações com os casais, foi monopolizando funções terciárias que tiveram consequências tanto no plano material como no simbólico. Assim, o reconhecimento de si enquanto camponês assumir-se-á por oposição relativamente ao *citadino*, identificado, imediatamente, com quem mais proximamente representa essa realidade, ou seja, os habitantes, frequentemente pequenos funcionários ou estudantes, da aldeia (*bourg*), assim fazendo com que a oposição camponês (falante de

bearnês) citadino (progressivamente falante de francês) nasce no interior do próprio mundo aldeão (Idem: 97).

- d) É evidente que todo este processo de transformação teve amplas contrapartidas no interior do próprio processo produtivo na agricultura. Aliada às transformações na actividade agrícola, que passaram a ser mais especializadas e menos dependentes do trabalho colectivo, a entreaajuda e o interconhecimento, ainda que não se tenham perdido, reformularam-se e o isolamento, mesmo com a presença de automóveis e de estradas alcatroadas, tornou-se, paradoxalmente, mais presente no interior das famílias camponesas. Num mundo camponês mais isolado compreende-se assim que sejam progressivamente mais diminutas as oportunidades de convivência colectiva, que passam a estar resumidas à missa e às festas. Compreende-se também o impacto deste conjunto de transformações no relacionamento entre os sexos e o facto de os camponeses passarem a estar em desvantagem em todas as ocasiões, muito poucas, aliás, de encontro legitimado entre rapazes e raparigas, homens e mulheres. A tarefa que, sob este ponto de vista, se coloca à sociologia passa, então, por ensaiar a identificação do modo como o social se inscreve nos corpos e como algo aparentemente tão simples como uma dança se torna, na realidade, a concretização de uma impossibilidade física que encerra em si uma gama alargada de impossibilidades de aprendizagem social sobretudo visíveis no corpo *camponeizado* masculino, já que as mulheres, mesmo quando de origem e inserção camponesa, parecem mais capazes de incorporar o habitus citadino. De resto, o sistema de expectativas destas últimas dificilmente se revela concretizável no relacionamento, na dança e no casamento com um camponês *camponeizado*. A impressionante objectivação etnográfica do baile de Natal em Lesquire permite efectuar o retrato de “um verdadeiro choque de civilizações” (Idem: 113) em que quem tem condições objectivas e subjectivas para dançar não é camponês... Os homens camponeses assistem às danças dos outros... Progressivamente, um grupo social que tinha excesso de candidatos à sucessão vê-se não só mais reduzido em dimensão como possui dificuldades crescentes em garantir um herdeiro; ser herdeiro camponês é também ser candidato a uma condição celibatária a que nem mesmo os mais economicamente prósperos membros do grupo escapam; com isso, o celibato, que, de fenómeno penalizador dos mais novos e dos mais pobres entre estes, tinha passado a ser imputável aos indivíduos e à sua incapacidade para jogar o

novo registo dos relacionamentos entre os sexos passa posteriormente a ser vivido como uma fatalidade social a que se associará, paulatinamente, o declínio da própria propriedade económica e do futuro da exploração.

- e) De um ponto de vista analítico, será, assim, necessário reconhecer que o casamento, a sua possibilidade e impossibilidade, no interior do mundo camponês no Béarn antigo e modernizado, é fruto do cumprimento de *estratégias* desenvolvidas pelas famílias e pelos seus membros e não o resultado do cumprimento mecânico de uma ou mais *regras*.
- f) Assim, e sistematizando todo o percurso analítico efectuado, Bourdieu demonstra de um modo denso como a dominação económica possui uma dimensão fortemente simbólica. Num mundo que se autodescobre como *camponês* e como desvalorizado, nem todos estão disponíveis para permanecer. As mulheres, como vimos, e sobretudo aquelas que habitam nos casais, são as primeiras a partir para a cidade (mesmo quando a propriedade fundiária familiar é relevante), sendo nestes mesmos casais que o excedente de homens aumenta e num quadro em que a probabilidade de emigrar não será uniforme entre o campesinato do sexo masculino. O peso da permanência será muito maior nos filhos mais velhos e aumentará nestes à medida que aumenta também o património possuído (tendo-se, entretanto, perdido os efeitos do direito de morgadio nas famílias de pequenos camponeses proprietários). O mercado matrimonial, que outrora se organizava num mundo fechado, unificou-se e as áreas matrimoniais das mulheres alargaram-se para a cidade, para o *universo infinito*, mais do que para os vizinhos. Através da aplicação do que resta das velhas *estratégias* a um mundo social que mudou, o velho campesinato, que continuará a casar preferencialmente os seus filhos mais velhos com (raras) raparigas camponesas, contribuirá, assim, para o seu próprio declínio (Idem: 211-245).

(ii) O trabalho de Patrick Champagne *L'Héritage refusé. La crise de la reproduction sociale de la paysannerie française 1950-2000* (2002) é um trabalho escrito em clara continuidade analítica com os argumentos centrais da obra de Bourdieu estudada no presente conjunto de duas lições. Resultando de uma gama muito alargada de estudos realizados pelo autor ao longo, fundamentalmente, de um período de dez anos compreendido entre 1975 e 1985, abarca nos seus propósitos, e como o seu título indica, o objectivo de sistematizar um retrato (produzido ao abrigo de

metodologias diversificadas e não escapando a uma reflexão sociológica aprofundada sobre o uso das mesmas metodologias na investigação sobre o espaço social rural) sobre a crise de reprodução do campesinato francês. Tomando por referência principal as regiões camponesas da Mayenne e da Bresse bourguignone, Patrick Champagne conceptualiza sociologicamente a crise técnica e económica das famílias camponesas decorrente da sua exposição ao mercado capitalista mas também a crise social e cultural decorrente dos problemas que lhe são colocados pelas dificuldades de transmissão familiar do património fundiário. Revisitando várias das proposições sociológicas avançadas por Bourdieu ao longo dos trabalhos que vieram a materializar-se em *Le Bal des célibataires*, este é um livro que, para além de ganhar amplamente com uma leitura articulada com este último, possui a capacidade adicional de situar de forma pertinente a relevância de uma discussão em torno da relação entre o olhar etnográfico e a sociologia das colectividades rurais, a que acrescenta uma reflexão aprofundada sobre a metodologia sociológica no estudo das colectividades rurais e, o que constitui o núcleo analítico central do trabalho, um retrato plurifacetado dos processos que redundam na impossível reprodução social do campesinato.

- a) Com as objectivações etnográficas iniciais, o retrato efectuado visa documentar o modo como a análise sociológica terá de colocar no centro das suas preocupações a dominação simbólica. A transformação experimentada pelo mundo rural camponês analisado era indissociável de uma transformação no modo de olhar que esse mesmo mundo desenvolvia sobre si mesmo, em virtude de se confrontar com um mundo exterior potencialmente novo e que o dominava não só económica mas também simbolicamente. As contradições decorrentes desse choque são visíveis nos usos sociais do corpo, na praia, mas também no próprio modo como a festa camponesa se transforma, não sem contradições e conflitos, com o objectivo de celebrar de forma *moderna a verdadeira e antiga tradição*.
- b) Um outro contributo relevante da obra passa, como já indicado, pela reflexão que produz em matéria de método. O aspecto a destacar e debater neste domínio implica reconhecer que com o alargamento do horizonte social dos agentes sociais decorrente do processo de urbanização dos campos, a estratégia metodológica a consagrar pela abordagem sociológica deverá demonstrar capacidade para ultrapassar os limites tradicionais de um certo entendimento fechado da *monografia*. A compreensão da reestruturação do espaço aldeão, do seu alargamento, implicam, como demonstra o autor, mais

do que um alargamento da dimensão do objecto, uma abordagem que se revele capaz de captar, com o seu carácter estrutural, a dinâmica dos «campos» que atravessam o espaço aldeão e o complexificam.

c) É, no entanto, em torno dos problemas fundamentais da crise da reprodução social do campesinato que se ocupa o conteúdo mais relevante da obra.

1. No primeiro de quatro estudos, Champagne começa por documentar o modo como, na Mayenne (contexto tardiamente exposto à urbanização e onde a emigração para as cidades não se fez sentir tão cedo como noutros contextos rurais franceses), se vai estruturando uma crise de sucessão no interior das famílias que transporta consigo a transformação radical e desvalorizante dos mais velhos em “terceira idade”: por efeito das medidas de política agrícola, que visam, nomeadamente, o rejuvenescimento dos activos e um aumento da dimensão das propriedades, por razões de rentabilidade, as famílias começaram a transferir mais cedo a liderança das explorações; uma tal transferência, não obstante a pressão urbanizante, não deixa de se realizar sem alguns problemas, mesmo entre aqueles que ficam na terra. Um deles é o da emergência dos *camponeses reformados*, categoria social que não existia na sociedade camponesa tradicional, constituída pelos camponeses mais velhos, de quem os filhos que lideram as explorações terão de tratar e cujo futuro terão de organizar num quadro social em que a exploração camponesa passa, progressivamente, a pequena empresa agrícola e em que a lógica de estruturação da casa (camponesa) deixa de responder eficazmente ao novo quadro de solicitações económicas e simbólicas vividas pela exploração e pelos seus proprietários. Na perspectiva aqui em causa, o resultado de uma tal configuração social pode ser entendido no quadro de um “conflito de gerações” emergente no interior das famílias. Tal como já verificado, as estratégias dominantes na Mayenne em matéria de reprodução da família camponesa dependiam largamente do retardamento da idade do casamento do herdeiro; este, para além de permanecer a trabalhar em casa dos pais, a partir do momento em que casava via tendencialmente formalizado o seu estatuto de sucessor, mas não o consumava necessariamente de um modo imediato; estávamos perante uma dinâmica lenta, geradora de um processo que, num cenário de plena modernização urbanizadora, facilmente será entendido como uma *infantilização intolerável*. Contudo, e no que ao processo de

envelhecimento diz respeito, este era integrado na família, primeiro através dos cuidados que a mulher do velho proprietário (normalmente mais nova) lhe garantia em caso de doença, sendo que, mais tarde, e já com o filho enquanto proprietário, a mesma atenção lhe seria dada pelo filho e respectiva família. Ora, as transformações nas explorações e nos estilos de vida tornam, em muitos casos (de resto, amplamente documentados e analisados), a coabitação entre gerações difícil de ser garantida e impossibilitam a sucessão familiar pacífica na exploração, constituindo os mais velhos num *problema* que os mais novos não poderão resolver no quadro das soluções familiares estatuídas, introduzindo, com essa impossibilidade, contradições (Champagne, 2002: 121-199).

2. Os dois estudos seguintes tratam, igualmente, de contradições. Desta vez, e tomando por objecto a região de Bresse, é proposto, num primeiro momento, analisar-se o processo de desmoralização que atravessa o campesinato e, especificamente, as representações sobre o trabalho agrícola. De trabalho valorizado social e culturalmente, na prática e nos pensamentos, o exercício da actividade agrícola passa a ser encarado como um trabalho difícil que não compensa desenvolver, mesmo quando, do ponto de vista material, em si, as dificuldades para as novas gerações agrícolas são menores do que o eram para as mais antigas. Tornar-se *agricultor* (um pequeno *empresário agrícola*) deixa de ser somente um assunto de família e passa a ser também um assunto de escola, de Estado e de associações profissionais, mas é, em muitos casos, vivido como uma derrota pessoal e profissional. As razões para o carácter tão generalizado, ainda que sob modalidades diversas, de tais representações e de correlativas práticas entre os informantes estudados podem ser encaradas num lento (mas muito eficaz em termos de efeitos) trabalho simbólico que resultou não só da dinâmica urbanizadora mas também dos próprios mecanismos interpessoais de relação com o processo de urbanização e da *dinâmica desequilibrada da comparação* entre as práticas e os projectos de vida de camponeses agricultores (desfavorecidos) e dos familiares destes que tinham migrado para as cidades (a seus olhos, favorecidos) (Idem: 201-247).
3. Por outro lado, não é de negligenciar na génese destas representações o relevo da própria acção do Estado, nomeadamente, através da alteração do monopólio socializador das famílias a favor da escola e da

desvalorização do mundo camponês e agrícola decorrente da acção desta. Os jovens estudantes inquiridos oriundos de famílias camponesas e agrícolas experimentam sentimentos de negação e de ambivalência relativamente ao seu futuro em torno da terra. Estando a população activa na agricultura a diminuir e reproduzindo-se, para todos os efeitos, o grupo com base em agentes sociais oriundos deste, já que nem mesmo os jovens agricultores recrutam facilmente noutros pontos do espaço social, importa ter em conta que estamos aqui, não obstante, perante duas modalidades de constituição de uma fracção de classe social: à falta de melhor, esta constitui-se, num caso, ainda por pressão familiar e depois de uma trajectória escolar menos bem-sucedida dos seus membros, materializando-se numa solução *tradicionalista* de reprodução; na outra situação, a constituição passa pela *escolha* da profissão de *agricultor* e pela dotação desta escolha de um mínimo relevante de capital técnico escolarmente constituído, materializando uma solução *moderna* (Idem: 249-276).

4. O último dos estudos revisita a temática central do livro, afina os argumentos desenvolvidos no estudo sobre as representações do trabalho agrícola nos jovens inquiridos e procura demonstrar que a dimensão das explorações (o capital económico disponível no interior das famílias camponesas e de agricultores da Bresse), para ser entendida no seu alcance social, deve ser lida e correlacionada com o capital social e cultural dos agentes e das suas famílias (capital técnico escolarmente constituído), já que, *isoladamente*, o *capital económico fundiário não é fácil de conservar, de transmitir* e de valorizar, como amplamente demonstrado e tal como se pode deduzir da análise da Figura 2. É, por isso, que este só pode “ser construído de maneira sociologicamente pertinente na relação que mantém com o perfil sociológico dos agentes que o detêm” (Idem: 326).

Sessões de Orientação Tutorial nº 6 e nº7

Com base no programa de leituras de referência construído a propósito da sociologia rural portuguesa seguidamente apresentado, propõe-se o visionamento comentado do filme de Saguenail *O Compasso* (Porto, Hélastre, 2008) (que retrata os processos de transformação de uma colectividade rural do noroeste português - em cujo processo de revisitação sociológica o professor da disciplina esteve envolvido - e as dinâmicas da investigação empírica nesta desenvolvida por ocasião da revisitação referenciada):

João Ferreira de Almeida

1986 - *Classes Sociais nos Campos. Camponeses parciais numa região do Noroeste*, Lisboa, ICS.

Pedro Hespanha

1994 - *Com os Pés na Terra. Práticas fundiárias da população rural portuguesa*, Porto, Afrontamento.

José Madureira Pinto

1985 - *Estruturas Sociais e Práticas Simbólico-Ideológicas nos Campos. Elementos de teoria e de pesquisa empírica*, Porto, Afrontamento.

Manuela Ribeiro

1997 - *Estratégias de Reprodução Socioeconómica das Unidades Familiares Camponesas, em regiões de alta montanha*, Lisboa, FCG/FCT, 1997;

Augusto Santos Silva

1994 - *Tempos Cruzados. Um estudo interpretativo da cultura popular*, Porto, Afrontamento, 1994;

Manuel Carlos Silva

1998 - *Resistir e Adaptar-se. Constrangimentos e estratégias camponesas no Noroeste de Portugal*, Porto, Afrontamento, 1998;

Karin Wall

1998 - *Famílias no Campo. Passado e presente em duas freguesias do Baixo Minho*, Lisboa, D. Quixote, 1998.

Programa de Leituras para as lições nº 6 e nº7:

Pierre Bourdieu

2002 - *Le Bal des célibataires. Crise de la société paysanne en Béarn*, Paris, Seuil.

[*Todo o livro deverá ser lido e analisado pelos estudantes. De um ponto de vista pedagógico, a lição terá em especial atenção a leitura comentada da descrição etnográfica do Baile de Natal em Lesquire; será a partir dessa descrição que se iniciará toda a discussão da obra*]

Patrick Champagne

2002 - *L'Héritage refusé. La crise de la reproduction sociale de la paysannerie française 1950-2000*, Paris, Seuil.

[*Também este livro deverá ser alvo de uma leitura atenta pelos estudantes. De um ponto de vista pedagógico, a lição em que o livro será discutido partirá de uma leitura comentada dos textos etnográficos «Les paysans à la plage» e «La fête au village»; um e outro dos textos serão discutidos em articulação com o visionamento de um pequeno excerto do filme de Jacques Tati «La Fête au Village»*]

José Madureira Pinto e Virgílio Borges Pereira

- “Reprodução e transformação do espaço social camponês, entrevista a Patrick Champagne”, *Cadernos de Ciências Sociais*, 24, 2007, pp. 97-112.

[*A leitura da presente entrevista é científica e pedagogicamente muito útil para o tratamento das proposições e propostas de trabalho sustentadas nas lições aqui em causa, sendo capaz de restituir o conjunto fundamental de problemas colocados pelo espaço camponês à teorização de Bourdieu e de Champagne sobre as estratégias e mecanismos de reprodução social*]

Lições nº8, nº9 e nº 10

Tema: As dinâmicas do *campo* das classes sociais nas sociedades contemporâneas e as respectivas incidências na (re)produção das *disposições* e das *tomadas de posição* sociais (2).

Sumário Desenvolvido

3.2. A *decomposição* do operariado industrial e a génese do *preariado* a partir dos trabalhos sociológicos de Loïc Wacquant em *Urban Outcasts* e de Stéphane Beaud e Michel Pialoux em *Violences urbaines, violence sociale*.

3.2.1. Compreender a génese do *preariado* segundo Loïc Wacquant

3.2.1.1. Dois percursos sócio-espaciais distintos na génese do *preariado*

3.2.1.1.1. A *hiperguetização* na inner-city norte-americana

3.2.1.1.2. A periferização na França (sub)urbana

3.2.1.2. A *demissão* do Estado

3.2.2. A *decomposição* do operariado industrial francês segundo Beaud e Pialoux

3.2.2.1. O *motim* como um sintoma e revelador social

3.2.2.2. A crise longa e a génese da clivagem *jovens da cité - outros*

3.2.2.3. O círculo vicioso de desestruturação e a produção do operariado industrial como *classe objecto*

3.2.3. Mobilização de investigações sociológicas complementares para a compreensão densa dos processos em acção no *operariado* e no *preariado* nas cidades americanas e nas periferias europeias

(i) O trabalho de Loïc Wacquant, amplamente marcado pelo pensamento sociológico de Pierre Bourdieu, transporta-nos para um outro domínio de abordagem do problema que temos vindo a tratar. A partir de uma perspectiva muito centrada na leitura das cidades ocidentais contemporâneas, em *Urban Outcasts*, o autor estabelece quadros analíticos e observações sociológicas detalhadas capazes de gerar um debate altamente estimulante na compreensão dos processos económicos e sociais que definem as cidades em causa e as dinâmicas classistas que as suportam. A investigação sociológica em debate é o resultado de um trabalho de campo muito

aprofundado desenvolvido durante um período muito alargado ao longo das duas últimas décadas do século XX no interior da *cintura negra* da cidade de Chicago e na *cintura vermelha* periférica de Paris. O propósito fundamental do esforço de objectivação sociológica aqui desenvolvido passa, sem dúvida, pela forma como, *a partir de baixo*, se estabelecem coordenadas muito relevantes para a compreensão da *pobreza pós-fordista* nas sociedades estudadas e, em conexão com este entendimento, se lançam pistas analíticas muito densas para a conceptualização da *marginalidade avançada* que suporta a referida produção da pobreza. Nesse sentido, a obra em causa pode ser entendida como um contributo para a compreensão sociológica da desestruturação, em modalidades diferenciadas, do operariado num lado e no outro do Atlântico, sendo, especificamente, um estudo sobre a génese de um novo grupo social, o *preariado*.

Para além dos ensinamentos que podemos retirar da obra para a dinamização de pesquisa empírica comparada (e que serão uma das dimensões consagradas no ponto 4 do programa do seminário), as implicações mais relevantes do trabalho de Wacquant podem estabelecer-se num conjunto alargado de domínios.

- a) Focando aspectos relativos à epistemologia e metodologia sociológicas, é inegável que este é também um trabalho cujo projecto se inscreve no centro do projecto científico de Pierre Bourdieu. Podemos aferir essa convergência em vários aspectos, mas é possível, pelo menos, destacar os seguintes:
1. O trabalho de campo e o seu primado epistemológico têm um papel crucial na definição, a partir de baixo, das questões colocadas na investigação do coração urbano de Chicago e da periferia parisiense;
 2. A investigação etnográfica definida de modo multissituado e o trabalho comparativo têm um papel activo na génese do programa de investigação, atacando, por essa via, uma das representações comuns dominantes em matéria de pensamento sobre o desvio e que passa pela equivalência dos processos sócio-espaciais de marginalização num lado e no outro do Atlântico (Wacquant, 2008: 145);
 3. Nesse sentido, também aqui o trabalho de ruptura com o senso comum *vulgar e culto* sobre as representações da pobreza e marginalidade nas cidades ocidentais tem um lugar central, sendo este complementado com um trabalho de construção conceptual alternativa, tal como se pode verificar com os desenvolvimentos críticos patentes no livro em estudo

sobre as noções de *gueto*, de *underclass* e sobre os processos de americanização das cidades ocidentais.

b) No quadro específico dos contributos da obra para a dinamização da pesquisa sociológica, haverá a destacar um conjunto relativamente vasto de resultados. Um primeiro é um resultado directo do esforço de desenvolvimento de uma investigação sociológica comparada no gueto negro americano e na periferia francesa. A identificação detalhada das propriedades das duas formações sócio-espaciais é um dos grandes contributos do estudo; o facto de tal identificação ser construída a partir de um plano genético e histórico capaz de ultrapassar as abordagens estruturadas exclusivamente em termos de desorganização social é um outro.

1. Tomando Bronzeville e North Lawndale como contextos de investigação, Wacquant produz uma *objectivação densa* dos processos de *involução* experimentados pela área central de Chicago desde os anos 1960. Estas transformações podem sintetizar-se num processo de *desproletarização massiva*, empobrecimento e progressiva homogeneização social imposta no núcleo do gueto. A *relegação* torna-se de tal maneira evidente que à medida que se avança, espacialmente falando, do centro para a periferia do gueto é possível verificar um aumento do volume de capital económico dos agentes sociais. O processo aqui em causa é conceptualizado pelo autor como *hiperguetização* e tem raízes económicas e políticas claras, podendo ser lido como uma involução que resulta numa intensificação do fechamento social exclusionário (Idem: 102). No hipergueto negro americano, a experiência diária da decadência física dos espaços e dos corpos (*Parece Berlim depois da guerra*, diz um dos informantes de Wacquant), a difusão generalizada do capitalismo de rua, do crime predatório, da violência e do perigo, com a sua alta morbilidade e mortalidade prematura, são consequências de um processo permanente de segregação racial e marginalização impostas aos Afro-Americanos (aquilo que o autor, em articulação com outras propostas de leitura do processo, classifica como um *apartheid legal*) que, com as suas novas propriedades, tem vindo a ser alimentado não por uma crise moral de indivíduos e de famílias, como frequentemente assumido, mas pela desindustrialização extrema, pelo colapso local dos mercados laborais formais e pelo abandono das instituições públicas e estatais de tais contextos (abandono

de que se tem de excluir a polícia, a única instituição que permaneceu), nomeadamente através de políticas de renovação urbana, de alojamento e de escolarização ineficientes e ausentes (Idem: 93-94; 121-132).

2. A história e a situação da periferia francesa é necessariamente diferente da do gueto negro da grande metrópole americana: “as periferias (...) não são guetos no sentido adquirido pela noção no contexto americano” (Idem: 135) e, mesmo se resultado da (in)acção do Estado francês em matéria de política de alojamento no pós Segunda Guerra Mundial, as periferias não são todas iguais. Tomando por referência de investigação a *cit  * de La Courneuve, nos arredores de Paris, Wacquant apresenta um diagnóstico histórico e institucional das propriedades sociais gerais das *cit  s* francesas e contrasta-o com o gueto americano. As mais relevantes de tais propriedades salientam diferenças na organiza  o ecológica do espaço físico socialmente apropriado, na composi  o étnica, na vulnerabilidade    pobreza, na criminalidade, na perigosidade e na própria política urbana. Estas diferenças revelam que as periferias francesas (i) têm densidades demográficas menores e fun  o es urbanas mais específicas que permitem uma maior mobilidade física quotidiana no seu interior, (ii) são mais diversificadas em termos de composi  o étnica, combinando uma presença muito forte de franceses com uma gama muito vasta de agentes sociais pertencentes a outras nacionalidades, europeias e não europeias, (iii) a vulnerabilidade    pobreza, ainda que muito efectiva devido aos processos de desindustrializa  o, desemprego crescente e crise da classe operária, não tem compara  o possível com aquela que corrói o gueto negro americano, (iv) no quadro das interven  o es estatais no alojamento, com mais ou menos investimento, a renova  o urbana    uma prática comum nos *grands ensembles* da periferia francesa, pelo menos desde meados dos anos 1980 (Idem: 150-160).
3. Contudo, e não obstante as histórias e naturezas sociais diferentes, a concentra  o da pobreza em ambos os contextos origina, pelo menos, um traço social comum: uma certa similitude nos efeitos da estigmatiza  o territorial que estimula o desenvolvimento de microhierarquias locais, a quebra de solidariedades de vizinhança e a generaliza  o do atomismo social. Com as diferentes formas de domina  o de classe, a experiência diária da estigmatiza  o t  mbem reforça e produz princípios diferentes de visão e de divisão social nas duas forma  o es sócio-espaciais em causa: a

cristalização da oposição entre brancos e negros no hipergueto americano; a crise das *velhas* instituições e práticas da cintura vermelha (sindicalismo, activismo do partido comunista, orgulho operário) e a emergência da oposição entre os jovens e o resto do mundo nas *cités* francesas (Idem: 183-190). Este último aspecto é muito importante na interpretação de Wacquant, já que demonstra que, em França, mesmo quando esta oposição emerge no quadro de uma identidade pan-étnica, o que se tem vindo a repetir, é uma oposição de tipo defensivo, ancorada mais no espaço do que numa origem étnica ou nacional, e procura a integração social (Idem: 194-196).

4. A análise comparada desenvolvida demonstra, assim, que diferentes padrões de (re)produção do isolamento e violência físicos se associam com duas configurações de presença institucional e organizacional muito diferentes: o isolamento institucional da periferia francesa, que gera apatia e a difusão de sentimentos de insegurança entre os habitantes das *cités*, e a desertificação organizacional no hipergueto americano que, na sua fase actual, promove insegurança social física e emocional (Idem: 223-224).
- c) Um outro conjunto de resultados relevantes de *Urban Outcasts* relaciona-se com o esforço desenvolvido por Wacquant para estabilizar uma teoria de síntese sobre a crise contemporânea dos regimes socioeconómicos fordistas e o seu impacto na reprodução da relegação e da estigmatização como “efeitos de lugar” (nos termos próprios da teorização de Bourdieu sobre a matéria) nas cidades americanas e europeias (Idem: 270-272).
1. De acordo com Wacquant, as dinâmicas sociais e económicas contemporâneas cristalizam-se em torno de desigualdades de classe e de capital económico crescentes, da dessocialização da relação salarial e da dualização ocupacional, com desemprego massivo e precariedade, assim produzindo decomposição da classe operária em termos não necessariamente interligados com as tendências macroeconómicas (Idem: 263-267).
 2. Um tal conjunto de proposições revela-se não só compatível com alguns dos resultados mais importantes e sistemáticos de investigações conduzidas sobre a estruturação do trabalho e do campo económico em vários contextos e países, mas também apresenta argumentos para uma

agenda de investigação heurística, capaz de utrapassar as formulações genéricas (feitas a partir de cima) e inevitáveis características de determinadas teorias da globalização e das visões neoliberais não questionadas que suportam, frequentemente, algumas das suas variantes.

3. Um outro aspecto relevante reside na conceptualização da acção e da inacção do Estado na génese e crescimento da pobreza pós-fordista nas sociedades capitalistas avançadas: “As classes governantes e as elites governamentais das nações ricas têm, em vários graus, demonstrado ser incapazes ou não quererem impedir o crescimento da desigualdade e da marginalidade” (Idem: 37). Esta preocupação com a *Nobreza de Estado*, como Bourdieu lhe chamaria, com o poder e com a dominação, abre portas à revisitação, a partir de novas e muito diferentes perspectivas, de um antigo elemento activo da sociologia urbana: o poder político. Assim, na visão de Wacquant, a produção da violência urbana contemporânea, nas suas diferentes formas, está, sem dúvida, relacionada com as diferentes respostas que os Estados dão para promover regimes de providência e políticas sociais; neste sentido, uma verdadeiramente emancipadora luta contra a pobreza não pode coexistir com o mero anúncio do retorno da *classes perigosas*, com argumentos etno-raciais ou etno-nacionais, e a criminalização dos pobres. Tem de envolver um trabalho de constituição de cidadania e negociação política colectiva (Idem: 24-34).

O trabalho de Wacquant estabelece, assim, um programa denso de análise sociológica sobre o modo como a classe operária negra norte-americana se desagregou e, em simultâneo, apresenta-nos as propriedades sociais do processo, alternativo, de *decomposição* da classe operária francesa.

Revela-se, a este nível, interessante poder estabelecer alguns paralelismos analíticos com outros trabalhos. Sem poder avançar muito, por razões de economia do seminário, no alargamento desse esforço, discute-se seguidamente um contributo complementar ao trabalho de Wacquant.

(ii) Stéphane Beaud e Michel Pialoux têm vindo a dedicar uma parte importante do seu trabalho sociológico ao estudo da classe operária francesa. O livro *Violences urbaines, violence sociale: genèse des nouvelles classes dangereuses* (2003) é um dos seus mais recentes contributos sistemáticos sobre a questão e resulta de um longo

trabalho etnográfico junto do operariado iniciado, pelo menos por Michel Pialoux, há mais de trinta anos. O trabalho discutido no âmbito do curso é, na realidade, a sequência lógica de um primeiro livro de ambos os autores intitulado *Retour sur la condition ouvrière* (1999), que, entretanto, pela sua originalidade teórica e metodológica, se tornou, para muitos, já um clássico. Se este último livro cumpria um programa de investigação ancorado na fábrica e nas contradições e problemas próprios ao interior da oficina, na sequência de um longo trabalho de observação realizado no seu interior, o livro que aqui nos ocupa é o prolongamento desse programa de pesquisa para a esfera explícita da reprodução social e da organização da vida quotidiana. Resulta de um trabalho de campo efectuado durante os anos 1990 e 2000 na maior região francesa de emprego operário industrial, a região de Sochaux-Montbéliard, sede da maior fábrica da Peugeot e toma como propósito primeiro da sua reflexão e análise o *motim urbano*, neste caso o de 12 de Julho de 2000 em Montbéliard. Este é, assim, observado muito para além daquilo que os jornais e as televisões anunciam nas suas primeiras páginas e os autores envolvem-se num minucioso trabalho de documentação das condições de reprodução da vida quotidiana e das contestações que o geram. Um tal trabalho é feito com recurso a vários procedimentos metodológicos onde é possível destacar um prolongado trabalho de observação institucional num conjunto de organizações locais dotadas de importância na implementação de políticas de emprego e sociais e de entrevistas aprofundadas junto dos mais diversificados agentes sociais.

Num registo de escrita muito impressionante e amplamente marcado pela sociologia da classe operária, *Violences urbaines, violence sociale* permite ao leitor acompanhar e compreender, com profundidade de informação e de argumentos, os processos de *decomposição* de um segmento muito significativo do operariado industrial francês. Não sendo, obviamente, exaustivo, será relevante, para efeitos de discussão pedagógica, destacar pelo menos três aspectos.

- a) Um primeiro diz respeito, desde logo, ao trabalho de caracterização exaustiva dos processos que se materializaram no motim urbano analisado e na tentativa de ser igualmente exaustivo no escrutínio das suas causas. Não sendo uma surpresa para todos aqueles que conhecem e vivem no contexto (*sentiamo-lo vir*, dizem os informantes entrevistados), não deixa de ser relevante verificar que o motim em causa acontece num período em que, do ponto de vista socioeconómico, a crise estava a passar; contudo, a degradação da situação social vivida durante a década de 1990 tinha

produzido, de modo quase subterrâneo, um profundo abismo social, uma *clivagem*, tal como já vimos anteriormente, no interior das *cités* entre os *jovens e os outros*. Estes outros sendo, nomeadamente e potencialmente, todos os representantes das autoridades, da polícia aos oficiais de justiça, dos professores aos animadores, mas podendo ser também os velhos habitantes do bairro. No universo das causas sociais da clivagem que assim emergiu, e que condenou à incerteza da ausência de futuro um segmento muito relevante da juventude da *ité*, está o aumento brutal do desemprego na sequência da crise de 1993 que afectou a indústria automóvel (as primeiras viaturas foram queimadas na ZUP de Montbéliard em 1995) e um círculo vicioso que corroe os processos de reprodução social que marcavam a classe operária local.

- b) A ruptura assim estruturada, que envolve, progressivamente, a desestruturação das famílias populares e a emergência, de um modo sustentado, de incivildades e violências no interior do bairro, gera não só o desespero dos habitantes como o aumento da presença policial e, com isso, a saída de quem pode e a pauperização da população local, numa espiral, que termina com repressão e com a transformação do bairro em “problema”. No centro do processo responsável pela emergência da violência está a crise da reprodução da classe operária industrial, que detinha um lugar muito relevante na agregação das diferentes fracções de classe presentes no bairro. *O tempo da crise é longo* e entre a procura juvenil de trabalho que não se encontra, a passagem eterna por estágios profissionais e o desemprego precoce estão os dados fundamentais da enorme tensão a que os operários estão sujeitos.
- c) Face ao peso das situações de crise prolongadas no tempo (toda uma geração de jovens potencialmente operários não teve oportunidade de encontrar um ponto minimamente perene de inserção no espaço social, algo a ter em conta para compreender a génese da contestação e da provocação), nem mesmo a retoma económica se revela suficientemente capaz de resolver todos os problemas, pelo que a esperança que produz localmente não deixa de gerar desilusões. Entre as razões das desilusões produzidas e que são responsáveis pelo incumprimento de expectativas de estabilização mínima (diga-se, já que as expectativas vão baixando) estão, mesmo no quadro de retoma, alterações significativas no domínio das políticas laborais, que podem, agora, ser implementadas num quadro social e político em que o operariado industrial passa progressivamente a *classe objecto* (em lugar de se apresentar e definir

como a *classe sujeito* de que se aproximou noutros tempos). Ainda que a necessidade de mão-de-obra tenha sido elevada e de uma fase de penúria de empregos se tenha passado a uma fase contrária, é importante relevar que o emprego criado é fundamentalmente precário; perante a maior resistência que, colectivamente, os jovens rapazes oriundos das *cités* podem colocar no dia-a-dia da fábrica, a gestão laboral do grupo PSA descobre as “qualidades sociais” das raparigas das mesmas *cités* e, em especial, das que são filhas de imigrantes, algo que contribui também para questionar um dos eixos tradicionais de definição da divisão do mundo operário: a dominação masculina. Por outro lado, a precarização do emprego jovem prolonga-se também tendencialmente ao emprego operário dos mais velhos.

Um trabalho sobre a violência e as suas razões sociais revela-se assim também uma investigação aprofundada sobre a crise da reprodução do operariado industrial do automóvel, um dos segmentos da classe que melhor terá representado a estabilização do contrato social fordista na França contemporânea. Da discussão detalhada dos argumentos e proposições sociológicas desenvolvidos na obra em causa decorre um alargamento do conhecimento dos processos de decomposição de classe e da eventual produção de uma nova, que nasce nos escombros daquela...

(iii) Na medida em que a discussão das obras efectuada remete para uma gama muito alargada de investigações sociológicas, a sua discussão será articulada com um trabalho complementar em torno do seguinte conjunto específico de livros, cujo conteúdo, selectivamente analisado, será mobilizado para aperfeiçoar argumentos e ilustrar processos sociais discutidos:

Simon J. Charlesworth

2000 - *A Phenomenology of Working Class Experience*. Cambridge, Cambridge University Press.

Livro que parte de uma análise etnográfica sobre os processos de desindustrialização numa cidade de forte tradição industrial inglesa, o respectivo trabalho pedagógico resulta numa discussão sobre os processos incorporados de perda de projecto social e cultural. Livro sobre uma realidade difícil, o seu trabalho é muito relevante para ter uma noção comparada sobre o processo de decomposição da classe operária na Inglaterra. Para além disso, constitui um exemplo de compatibilização analítica aperfeiçoada entre as obras de Bourdieu e de Merleau-Ponty.

Eric Klinenberg

2002 - *Heat Wave: a social autopsy of disaster in Chicago*, Chicago, The University of Chicago Press.

O presente livro trata das causas sociais de um fenómeno natural, a vaga de calor que afectou a cidade de Chicago em 1995. Elaborado com base num denso trabalho de observação e recolha de documentação oficial e não oficial, o presente trabalho, não sem polémica, pode ser mobilizado para ler aspectos concretos da dinâmica de anomização que atravessa a inner-city americana e, em particular, os processos de isolamento que marcam o quotidiano dos segmentos mais empobrecidos da América negra urbana.

Olivier Masclet

2006 [2003] - *La Gauche et les cités. Enquête sur un rendez-vous manqué*, Paris, La Dispute.

O livro aqui em causa permite obter um retrato muito original, feito com base numa combinação apurada de trabalho de terreno, análise histórica e etnográfica, dos desencontros entre as políticas habitacionais implementadas pelo Estado francês a partir dos anos 1950 e as lógicas de organização social e política desenvolvidas pelos habitantes destes mesmos contextos. A grande particularidade do estudo em causa passa pelo facto de ser aplicado num município de esquerda, da cintura vermelha de Paris, onde o posicionamento político activo dos militantes comunistas das cités foi progressivamente colocado fora da acção política local pelas respectivas lideranças. O resultado foi uma perda relevante de capacidade de acção política de um dos núcleos estruturantes do operariado industrial, o PCF. Não obstante a pauperização do alojamento social, o presente retrato demonstra também, e por outro lado, que os moradores que ficaram, frequentemente oriundos da imigração, são capazes de renovar a sua acção política; esta é, contudo, limitada e tem vindo a orientar-se para um registo, necessariamente condicionado pela ofensiva securitária do Estado, de tipo associativo de base comunitária e frequentemente religiosa.

Sessões de Orientação Tutorial nº 8, nº 9 e nº 10:

As três sessões de orientação tutorial serão preenchidas com a produção de um programa de discussão em torno das incidências teóricas das obras discutidas. A discussão será realizada tomando por referência opções a realizar entre os seguintes trabalhos, cuja leitura será previamente preparada por um conjunto de estudantes:

Rogers Brubaker

1996 - *Citoyenneté et nationalité en France et en Allemagne*, Paris, Belin

[*No centro da discussão desenvolvida sobre o operariado industrial em França está também incluída a relação com a imigração; o presente trabalho restitui a trajectória histórica da formação da cidadania nacional na França e na Alemanha; a sua análise será muito útil a quem queira analisar as relações entre imigração, classes sociais e políticas públicas*]

António Firmino da Costa

1999 - *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta

[*Tratando, entre vários aspectos, da problemática da reabilitação urbana, a leitura da presente obra justifica-se para quem queira documentar as incidências das relações entre classes sociais, território urbano e políticas em torno do espaço tomando o caso de Lisboa e de Alfama por referência*]

Isabelle Coutant

2005 - *Délits de jeunesse*. Paris : Éditions La Découverte.

[*Livro que documenta a relação entre os jovens, normalmente oriundos dos bairros problema da periferia francesa, e o sistema judicial, permite um retrato das contradições na implementação da política de justiça para a juventude na França e a compreensão das incidências dos novos dispositivos de segurança na gestão da insegurança e da pobreza juvenil*]

Vincent Dubois

2003 - *La Vie au guichet. Relation administrative et traitement de la misère*, Paris, Economica.

[*Livro que resulta de um trabalho altamente original de observação etnográfica de instituições sociais francesas e do modo como nesta se enfrenta a miséria; a sua leitura e discussão representa um trabalho complementar relativamente aos temas tratados por Wacquant, Beaud e Pialoux nos trabalhos analisados no seminário*]

Miguel Martínez López

2002 - *OKUPACIONES de viviendas y de centros sociales. Autogestión, contracultura y conflictos urbanos*, Barcelona, Virus Crónica.

[*Estudo sobre o movimento dos Okupas em Espanha, mas tratando de forma comparada a questão na Europa, pode ser mobilizado para um entendimento detalhado das lógicas alternativas de acção social na cidade que se materializam num projecto de contestação, minimamente organizado, à propriedade e à ordem na cidade capitalista*]

Gérard Mauger

2006 - *L'Émeute de novembre 2005 : une révolte protopolitique*. Broissieux : Éditions du Croquant.

[*Contributo analítico da sociologia para a compreensão do mais recente e relevante motim urbano francês, complementa a leitura dos livros centrais das lições e merece trabalho específico para quem tiver a intenção de aprofundar o conhecimento sobre a dinâmica das revoltas na França contemporânea*]

Fernando Luís Machado

2002 - *Contrastes e Continuidades: migração, etnicidade e integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta.

[*Livro muito relevante para quem procurar aprofundar o conhecimento dos problemas relativos às migrações em Portugal, é indicado para contrastar a relação estabelecida entre processos de divisão classista e etnicidade prolongando o programa comparado de investigação sugerido por Wacquant, Beaud e Pialoux nos estudos discutidos no seminário*]

Gérard Noiriel

2002 - *Les Ouvriers dans la société française XIXe-XXe siècle*, Paris, Seuil.

[*Livro sobre a história da classe operária francesa, permite uma leitura aprofundada da história da classe. O registo analítico do trabalho torna-o amplamente compatível com as preocupações do sociólogo. A estudar por quem queira conhecer detalhadamente, em continuidade com determinados períodos da história da classe e por contraste com outros, os argumentos de base que permitem falar de decomposição de classe a propósito da situação social do operariado francês da actualidade*]

Maria Cidália Queiroz e Marielle Christine Gros

2002 - *Ser Jovem num Bairro de Habitação Social*, Porto, Campo das Letras.

[*Livro sobre a vivência da habitação social na cidade do Porto, trata da problemática decisiva da construção social da juventude nos bairros produzidos pelo Estado, comportando informações muito relevantes a ler comparativamente com o núcleo das análises discutidas nas lições*]

Robert E. Parker

1994 - *Flesh Peddlers and Warm Bodies: the temporary help industry and its workers*, New Brunswick, Rutgers University Press.

[*Livro sobre a indústria do trabalho temporário nos EUA, é um bom exemplo da investigação efectuada pela sociologia norte-americana sobre as incidências sociais da dualização do mercado laboral entre estabelecidos (!) e precários*]

Abdelmalek Sayad

1999 - *La Double absence : des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré*, Paris, Seuil.

[*Livro sobre o processo de imigração, o seu estudo destina-se a quem tenha necessidade de aprofundar o conhecimento do fenómeno na França e da experiência dos imigrantes do Norte de África nesta*]

Olivier Schwartz

1989 - *Le Monde privé des ouvriers*, Paris, PUF.

[*Clássico da literatura sociológica francesa, o seu tratamento pedagógico aconselha-se a quem quiser aprofundar argumentos, informados por um longo trabalho de campo realizado pelo seu autor, sobre os sistemas de disposições produzidos no interior das famílias do operariado industrial*]

Christian Topalov

1987 - *Le Logement en France. Histoire d'une marchandise impossible*, Paris, Presses FNSP.

[*Cruzando de forma muito completa os ensinamentos da economia, da história e da sociologia, o presente livro permite não só tomar conhecimento de um modo muito sofisticado e heurístico de conceptualização social do alojamento mas também compreender as dinâmicas concretas de formação contraditória do alojamento como*

mercadoria (?). Um livro a trabalhar intensamente para quem queira estudar a problemática do alojamento]

1994 - *La Naissance du chômeur 1880-1910*, Paris, Albin.

[O presente livro retrata o modo como a categoria social de desempregado foi sendo, no quadro de intensas lutas, reconhecida pelo Estado como merecedora de tratamento político específico. Livro que articula a sociologia e a história, destina-se a quem queira compreender melhor a relação entre classes sociais, luta política e produção de políticas públicas e permite a identificação do modo como tais relações se produziram nos EUA, na França e na Inglaterra]

Programa de Leituras para as Lições nº 8, nº 9 e nº 10:

Stéphane Beaud e Michel Pialoux

2003 - *Violences urbaines, violence sociale: genèse des nouvelles classes dangereuses*, Paris, Fayard.

Stéphane Beaud e Michel Pialoux

2008 - “A precariedade no coração do mundo operário: regresso a uma pesquisa em Sochaux-Montbéliard”, in *Cadernos de Ciências Sociais*, 25/26, pp. 181-196.

Bourdieu, Pierre

1993 - « Effets de lieu » in Pierre Bourdieu (dir.), *La Misère du monde*, Paris, Seuil, pp. 159-167.

Castel, Robert

1995 - *Les Métamorphoses de la question sociale. Une chronique du salariat*, Paris, Fayard.

[A consulta da obra em causa permite ter um enquadramento sociológico e histórico fundamentado sobre a lógica subjacente à produção do contrato social fordista; do seu entendimento depende a correcta compreensão do significado da sua ruptura analisado nas obras discutidas nas lições do seminário]

Loïc Wacquant

2008 - *Urban Outcasts*, Cambridge, Polity Press.

Lição nº 11

Tema: As dinâmicas do *campo* das classes sociais nas sociedades contemporâneas e as respectivas incidências na (re)produção das *disposições* e das *tomadas de posição* sociais (3).

Sumário Desenvolvido

3.3. A reprodução da *grande burguesia* a partir das análises de Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot em *Grandes fortunes*.

3.3.1. Princípios de base na definição do habitus moldado pela riqueza altamente concentrada

3.3.1.1. Cumulatividade

3.3.1.2. Colectivização

3.3.1.3. Pluridimensionalidade

3.3.2. O património material e simbólico como capital herdado, alargado e transmitido

3.3.2.1. Privatização do espaço e da cultura

3.3.2.2. Tempo

3.3.2.3. Familismo

3.3.2.4. Cosmopolitismo

3.3.3. A grande burguesia como *classe para si*

(i) Se até aqui temos vindo a retratar processos sociais que nos permitem aproximações pormenorizadas a processos de *decomposição* de classe e de crise de reprodução produtoras, em alguns casos, de novas fracções de classe (como a dos *agricultores* ou a do *precariado*, que ocupam apenas parcialmente os lugares previamente ocupados por camponeses e operários da indústria), no caso que agora se discute estamos perante processos claramente alternativos. O retrato que assim se efectua poderá ser lido como um contributo para o entendimento de um processo de reprodução social. Já que estamos perante os dominantes dos dominantes, a invisibilidade social de que se reveste um tal processo tem um carácter profundamente paradoxal, não faltando, por isso, autores que, em face do momento actual do capitalismo, entendem já este processo como se de um efectivo movimento

de produção de um posicionamento social novo se tratasse, tão amplamente reforçado é o desequilíbrio que suporta a riqueza da *nova* Grande Burguesia.

Ao longo da sua história, a sociologia conseguiu documentar com alguma exaustividade as dinâmicas da produção da *acumulação primitiva* das mais variadas formas de capital, com destaque para o capital económico. Por razões várias, nem sempre foi tão sistemática nos retratos sobre as cambiantes das dinâmicas da respectiva reprodução. O trabalho que se discutirá na lição do presente seminário é, nessa medida, um exemplo de uma linha de investigação muito original mas que nem sempre tem sido devidamente valorizada na história da sociologia das classes. Referimo-nos ao livro *Grandes fortunes: dynasties familiales et formes de richesse en France* da autoria de Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot. Especialistas de sociologia urbana e da classe operária há muito enveredaram pelo estudo detalhado da formação das classes dominantes especializando-se na análise da burguesia francesa. Neste âmbito têm vindo a produzir uma gama muito alargada de estudos. Entre estes, opta-se por escolher aquele onde as consequências teóricas e práticas das orientações estabelecidas na investigação do tema são assumidas do modo mais sistemático e exaustivo.

Resultado de uma longa imersão no terreno e de uma procura analítica documentada em mais de cem entrevistas efectuadas a membros de grandes famílias burguesas e aristocráticas e aos que mais directamente gerem os seus interesses e educação, em análise documental variada e em detalhadas observações etnográficas, num registo teórico-metodológico também ele amplamente influenciado pela perspectiva de Pierre Bourdieu, *Grandes fortunes* é um livro muito original não só pelas propriedades gerais do tema como por toda a estratégia de compreensão que transporta.

Uma discussão pedagogicamente orientada dos seus conteúdos fundamentais poderá organizar-se tomando por referência imediata muita da informação empírica que carrega, uma informação rica em pormenores e em conhecimento detalhado da história das famílias e dos lugares. Na perspectiva aqui sustentada, uma tal discussão deverá organizar-se em torno de dois grandes eixos compreensivos. Um primeiro destaca o elevado grau de *colectivização* a que a reprodução social está sujeita na alta burguesia e na aristocracia dotada de capital económico; um segundo, e por contraste com os processos que em termos gerais se documentam no interior do campo do poder francês (em que esses processos, como noutros contextos,

apresentam estruturas tendencialmente quiasmáticas), o elevado grau de **cumulatividade** da concentração familiar **das riquezas**.

- a) Não obstante todas as contradições, competições e lutas que poderemos ver documentadas no interior do segmento dominante da classe dominante, a incorporação da riqueza e da fortuna é organizada, objectivada e institucionalizada familiarmente e num plano de articulação de interesses que supõe um elevado grau de socialização da riqueza e, por isso, um intenso trabalho colectivo para assegurar a sua reprodução. Nessa medida, pode afirmar-se que este trabalho é, na realidade, fruto da incorporação, nos princípios socializadores fundamentais do habitus burguês, de uma lógica social que tem como propósito definidor a produção de herdeiros capazes de estarem à altura de responderem positivamente aos desafios que se colocam à reprodução (incluindo-se nesta a manutenção, o alargamento e a transmissão) da herança (do património, em todas as suas formas).
- b) Interligada com a complexidade referenciada e com o trabalho de socialização efectuado para garantir a sua reprodução, a cumulatividade e a **pluridimensionalidade** da riqueza representam o outro eixo organizador do modo de reprodução aqui em causa. Assim, a articulação entre capital económico e capital social faz parte integrante da definição da fortuna, o que contribui para lhe atribuir uma propriedade sociológica adicional de grande complexidade. Nesta complexidade, estruturada por referência a um património objectivo perante o qual o grupo se define e afirma, que se reveste de formas económicas e sociais, mas que inevitavelmente se materializa na cultura e no simbólico, organiza-se uma classe que não só tem todas as condições para ser **em si**, mas, por força da mobilização socializadora permanente que realiza, define-se também e de forma clara como **para si**. Uma tal mobilização é hoje, ainda mais do que no passado, um trabalho amplamente organizado, estruturado nos planos nacional e internacional, transformando o **cosmopolitismo** numa outra propriedade actuante do grupo.

(ii) Segmento específico de poderes multiformes, dominadores e actuantes na definição do campo das classes sociais, a **grande burguesia**, para muitos **a última e a única das classes para si**, é difícil de conhecer. A opacidade de que se reveste o seu

quotidiano e os seus estilos de vida está necessariamente relacionada com o grau elevado de concentração de capitais que aqui podemos encontrar.

Mais do que um capital económico em sentido restrito, na realidade, a referida concentração diz sobretudo respeito ao *património*. Este revela-se, efectivamente, bastante mais concentrado do que o seu rendimento e é uma parte central, decisiva, na definição da grande fortuna. Se é evidente que os valores mobiliários, e o rendimento que suportam, têm uma importância crescente na definição do poder da burguesia (tanto mais efectivo quanto, por razões de segurança, mais diversificado se revelar e quanto mais for o produto de uma gestão profissional de sofisticados produtos financeiros), não é menos verdade que esse sentido alargado do património é parte integrante da grande fortuna e esta não seria possível sem esse património (constituído pelas casas urbanas, de praia, pelos castelos, pelas jóias, pelos objectos de arte que implicam a arte de saber e a arte de saber-fazer e estar) não directamente monetário que é fundamental pelo que permite *usufruir (patrimoine de jouissance)* mas também pelas *relações* que induz e alberga (*patrimoine de relation*) (Pinçon; Pinçon-Charlot, 1998: 79).

Na patrimonialização assim construída, a relação com a cultura, objectivada, institucionalizada e incorporada é intensa, ao ponto de a cultura *erudita* ter condições para se misturar amplamente com a cultura da acção própria ao grupo, constituindo um capital e uma experiência, como pode ser aquela de se nascer e crescer numa casa que é um museu, cultivando-se, por isso, a *aisance* decorrente de uma convivência segura com a arte e a cultura (Idem: 190 e seguintes).

Compreende-se, deste modo, que o espaço tem um papel relevante na patrimonialização da fortuna, o que torna possível a colectivização do uso do mesmo, através, por exemplo, da divisão social do espaço da cidade, que cria *bairros chique*, cujo destino se protege organizadamente sempre que algo nos poderes públicos possa ameaçar a *tranquilidade* e a *discrição* necessária ao grupo. Por outro lado, é igualmente compreensível que, na reprodução da grande família, o enraizamento rural constitua um *bastião*, que materializa a celebração da tentativa de vitória sobre a usura do tempo, um outro aspecto decisivo na formação da classe e que dá testemunho da capacidade de reafirmar a antiguidade do dinheiro e, com esta, a capacidade para legitimar a dominação exercida colectiva e familiarmente ao longo das gerações (Idem: 81).

É importante, no entanto, reconhecer que este enraizamento rural é parte de uma profunda inserção cosmopolita, traduzida numa intensa e selectiva actividade sociabilitária mundial e *mundana* que alia os interesses económicos, a educação protegida (em escolas de referência de vocação internacional e que cultivam o *elitismo*) e as alianças matrimoniais entre potenciais pares com a particularidade socialmente reproduzida de a família estar no centro da rede que é assim construída, de um modo lento, mas com grande eficácia. Eficácia, de resto, aferida por todo um trabalho de certificação social, com as suas listas, revistas e instituições próprias capazes de definirem um património também nominal que pode ser ratificado, ou não, por ocasião da produção das mais diversas práticas (do modo de se comportar num encontro social ao modo como se casa e com quem se casa...). Assim se controla a entrada no grupo e se procura controlar o futuro individual e colectivo, estando um e outro amplamente articulados.

O volume e a composição da herança assim patrimonializada pela família desempenham um papel central no destino e no futuro dos herdeiros aqui envolvidos; contudo, o que assim também se demonstra é que o grupo familiar procura capacitar os herdeiros, tentando que estes possam estar à altura do património material e simbólico que irão receber. Para se ter mérito na herança, é necessário tempo e trabalho; é necessária a mobilização da família e do grupo, em suma, da classe.

Sessão de Orientação Tutorial nº 11:

A presente sessão será preenchida (a partir de uma preparação prévia por um ou mais estudantes) com a discussão de uma ou das seguintes obras:

Maria Manuel Vieira

2003 - *Educar Herdeiros*, Lisboa, FCT/FCG.

Monique de Saint Martin

1993 - *L'Espace de la noblesse*, Paris, Métailié.

Programa de leituras para a Lição nº 11:

Michel Pinçon; Monique Pinçon-Charlot

1998 - *Grandes fortunes : dynasties familiales et formes de richesse en France*, Paris, Payot.

Lição nº 12

Tema: As dinâmicas do *campo* das classes sociais nas sociedades contemporâneas e as respectivas incidências na (re)produção das *disposições* e das *tomadas de posição* sociais (4).

Sumário Desenvolvido

3.4. A formação e consolidação das *middle-classes* a partir da leitura de Mike Savage, James Barlow, Peter Dickens e Tony Fielding em *Property, Bureaucracy and Culture*.

3.4.1. Uma abordagem realista

3.4.2. *Propriedade, burocracia e cultura* como capacidades actuantes ou recursos (assets) diferenciados mas susceptíveis de serem combinados

3.4.3. Os dinamismos sociais, económicos, culturais e políticos diferenciados no interior das *middle-classes* britânicas

3.4.3.1. A eficácia persistente da *propriedade económica*

3.4.3.2. A persistência transformada da divisão social e simbólica entre *professionals* e *managers*

3.4.3.2.1. A consolidação do posicionamento dos *professionals*

3.4.3.2.2. A erosão da capacidade de acção dos *managers*

(i) O livro *Property, Bureaucracy and Culture: Middle-class formation in contemporary Britain* (1992), da autoria de Mike Savage, James Barlow, Peter Dickens e Tony Fielding é um dos estudos mais completos e originais que a sociologia das classes britânica produziu nas últimas décadas.

Fruto do trabalho colectivo de sociólogos e de outros especialistas das ciências sociais, desenvolve, no quadro de um debate intenso com a sociologia das classes britânica mais institucionalizada, e tomando por referência directa as obras de *Eric Wright* e Pierre Bourdieu, uma abordagem realista das *middle-classes* britânicas dando origem (ao já mencionado debate teórico e) a uma sociologia histórica da sua

formação quotidiana, da respectiva relação com o mercado habitacional, dos seus consumos, práticas culturais e estilos de vida, dos respectivos processos de composição dos grupos domésticos, da sua mobilidade social e espacial e das filiações político-partidárias afirmadas.

Tal como é sabido, ainda que a sociologia das classes britânicas tenha definido um perfil de trabalho sociológico dotado de grande interesse e impacto académicos, também é verdade que aquela que mais se desenvolveu nas últimas décadas capitalizou menos a influência dos historiadores neomarxistas e de sociólogos como Hoggart relevada pelos quadrantes teóricos que têm vindo a inspirar a perspectiva desenvolvida neste curso. Ora, o trabalho que agora se discute tem a capacidade, na nossa perspectiva, de capitalizar o que de melhor a sociologia britânica das classes sociais desenvolveu (a sua sistematicidade, a abundância de informação, a sofisticação de procedimentos e de argumentos teóricos), mas, ao fazê-lo, liberta-se de algumas das suas maiores dificuldades (tudo o que tem passado pelos debates nem sempre heurísticos que resultam das oposições entre neomarxistas mais substancialistas e neoweberianos e os impasses metodológicos que têm materializado), permitindo a mobilização da herança dos historiadores neomarxistas marcados pelo trabalho em torno dos processos de formação de classes e a sua convergência com as teorizações da prática social que temos vindo a sustentar.

(ii) O argumento central da obra em discussão passa pela demonstração das trajectórias diferenciadas de formação, mais ou menos, consolidada das *middle-classes* britânicas. Em particular, esse argumento, a partir do modo como é construído teoricamente na sequência de um intenso debate com as teorias da *service class*, permite ultrapassar, desde logo, uma certa ambiguidade original a que o entendimento deste posicionamento tem estado sujeito nas ilhas britânicas, quando confrontado com outras tradições sociológicas nacionais. Com base na mencionada abordagem realista, e na *assets based approach* que a sustenta, o estudo agora discutido permite compreender as dinâmicas estruturadoras dos posicionamentos sociais definidos pela *propriedade* e pelo *enquadramento* no interior das sociedades capitalistas (numa das formações sociais do *capitalismo avançado*) e documenta a divisão muito relevante que se estabeleceu na Grã-Bretanha entre *proprietários*, *profissionais intelectuais* bem estabelecidos e consolidados e um progressivamente mais inseguro e marginal posicionamento de *gestores/burocratas*.

A abordagem produzida, ainda que amplamente influenciada pela teorização de Bourdieu, obedece a preocupações que a transcendem. Ainda assim, a influência da sua obra no desenho conceptual aqui envolvido parece-nos de tal forma forte que não é difícil suscitar o problema da produção e da reprodução das classes no quadro dos resultados desta investigação e das perguntas por si geradas.

(iii) Nesse sentido, e prolongando os argumentos apresentados e promovendo a sua discussão, pensamos que um primeiro aspecto a ressaltar na abordagem aqui envolvida passa, desde logo, pelo próprio modo como a *assets based approach* e os seus pressupostos realistas são dinamizados.

Ao libertarem-se das discussões em torno da melhor medida da classe, os autores procedem a uma procura sistemática dos poderes causais que definem a **capacidade de acção dos agentes**, na nossa perspectiva amplamente compatível com os desenvolvimentos que, sobre a matéria, a sociologia das classes portuguesa, por exemplo, tem estabelecido. Assim, **propriedade económica, poder burocrático e cultura** devem ser lidos como entidades sociais que são mobilizadas e susceptíveis de um uso dinâmico que se pode materializar num trabalho de reconversão recíproca e com potenciais diferenciados historicamente contingentes.

Assim, se a propriedade permite um poder acrescido não só porque pode ser transformada em capital, mas também e sobretudo pelo facto de gerar dependência nas relações de produção, já o poder burocrático e o cultural não possuem as mesmas capacidades. Se o primeiro gera um poder estruturado em torno de uma dependência, esse poder não é, contudo, facilmente *transferível*. Já o segundo, ainda que possa ser objectivado e transmitido, necessita, para ter capacidade actuante, de ser *convertível* contextualmente.

Assim, é bem evidente que na formação destes posicionamentos sociais, as relações entre capital cultural e o que, na linguagem de Bourdieu, poderíamos chamar capital organizacional (uma forma institucionalizada de capital de relação) são decisivas (Savage et al., 1995: 1-18). Uma tal questão é evidenciável quando se analisa o processo histórico de formação dos poderes em estudo: a acção do Estado foi decisiva na consolidação do posicionamento baseado na cultura, já que foi longo o processo (posterior a 1945) que conduziu, por exemplo, à transformação de médicos e professores em funcionários públicos, permitindo que a fragilidade da cultura enquanto recurso actuante fosse colmatada, através da acção estatal, pela

capacidade de integrar a competência profissional nas hierarquias organizacionais (Idem: 56).

Por sua vez, a capacidade de acção baseada nos recursos organizacionais tem um processo de formação em Inglaterra muito diferente deste último e dos processos que podemos documentar noutras formações sociais nacionais. Ainda que durante largo tempo estruturados numa situação social de relativo privilégio, os poderes organizacionais, não sendo transferíveis, viram fragilizado o processo de formação de fracção de classe aqui envolvido. Na medida em que a história do Estado britânico não se fez com uma intervenção directa no desenvolvimento industrial, compreende-se que este não tenha tido o papel relevante que teve no caso de professores e médicos e, no que diz respeito ao processo de formação histórica dos agentes de enquadramento, que não tenha desempenhado o papel certificador que teve noutras sociedades (Idem: 19 e seguintes).

As tendências recentes em matéria de formação de classe parecem confirmar as propriedades históricas mais relevantes do processo de formação mais alargado. Se a propriedade (maior ou menor) continua a ser um factor de segurança e se os recursos culturais demonstram uma certa orientação reestruturadora, os recursos organizacionais parecem sofrer um processo relativo de erosão que a crise do modelo de promoção interna nas organizações acentua (Idem: 58-79).

Debatendo, por sua vez, a partir de outros pontos de vista, é possível verificar que as inserções sociais assim estabelecidas não estão dissociadas do espaço físico e do modo como se reproduzem as regiões (Idem: 159 e seguintes), e salientar que propriedade e a cultura são mais facilmente transmitidas às gerações seguintes do que os poderes burocráticos. A conversão de recursos, ainda assim, acontece: os detentores destes últimos recursos tentam, ao longo das suas carreiras, fazê-lo muitas vezes, tornando-se, por exemplo, trabalhadores independentes e proprietários; os seus filhos tendem a investir na escola; contudo, as transformações no sistema escolar inglês poderão vir a colocar entraves a este processo (Idem: 139 e seguintes)

Para além de articulações fortes com o mercado habitacional (onde, por exemplo, é relevante a relação entre *cultura* e *gentrificação*), no processo de formação identificado há lugar para a reprodução de estilos de vida característicos: num quadro familiar de grande complexidade morfológica, os profissionais intelectuais do

sector público adoptam práticas e representações orientadamente *ascéticas*; os profissionais e especialistas muito qualificados do sector privado desenvolvem estilos de vida *pós-modernos*, os responsáveis das burocracias governamentais possuem estilos de vida tendencialmente *indistintos* (Idem: capítulo 6).

Por sua vez, uma tradicional matriz de acção e filiação política tendencialmente conservadora parece estar em vias de transformação, demonstrando-se, assim, que também neste domínio a unidade própria à *service class* teorizada por **John Goldthorpe** carece de sentido. Não sendo incorrecto afirmar que historicamente esta relação entre conservadores e classes médias é forte, também é verdade que é sobretudo entre os detentores de recursos burocráticos e organizacionais que encontramos essa preferência mais estável, já que, no caso dos detentores de recursos culturais, essa filiação complexifica-se e muda (Idem: capítulo 9). De resto, se há algo a poder afirmar com segurança a partir da análise da presente obra é que as clivagens entre os detentores da cultura e do poder organizacional no interior da região do espaço social britânico analisada tenderão a reafirmar-se.

Sessão de Orientação Tutorial nº 12

A discussão a dinamizar na sessão de orientação tutorial será realizada tomando por referência uma, ou mais, das seguintes obras:

Luc Boltanski

1982 - *Les Cadres: la formation d'un groupe social*, Paris, Minuit.

[*Clássico da sociologia francesa, documenta as especificidades nacionais do processo de formação dos agentes de enquadramento, mas pode retirar-se da respectiva leitura um importante conjunto de propriedades gerais, capazes de serem mobilizadas para a análise de outras situações nacionais. O debate e a análise desta obra permitirão documentar diferenças relevantes relativamente à situação britânica discutida na lição*]

Christophe Charle

1989 - *La Naissance des « intellectuels » 1880-1900*, Paris, Minuit.

[*Livro clássico da história francesa contemporânea, nessa medida singular devido às especificidades da emergência dos “intelectuais” no país e a tudo aquilo que depende do affaire Dreyfus, estamos, contudo, perante um título incontornável que*

deverá ser alvo de leitura pelos estudantes que queiram desenvolver uma componente sociológica histórica na sua abordagem da génese e formação das classes e fracções de classe; no caso, sobre os “intelectuais”]

Alain Chenu

1990 - *L'Archipel des employés*, Paris, INSEE.

[Posicionamento tendencialmente heterogéneo entre aqueles que ocupam as regiões intermédias do espaço social, não faltando, por isso, quem não hesite, no interior da sociologia, em classificar os mais desqualificados entre estes como um novo operariado, os empregados (em particular, aqueles que mais se aproximam da figura do empregado de execução, porque detendo uma grande dificuldade em capitalizar de forma perene recursos actuates no interior do espaço social) constituem um consolidado interesse da sociologia das classes e das culturas de classe. O presente livro constitui uma síntese muito apurada das principais propriedades sociais e simbólicas dos agentes aqui reunidos. Tomando por referência a sociedade francesa, a discussão do trabalho em causa actualiza as teorizações gerais discutidas no seminário aquando da análise de La Distinction e permite uma documentação de diferenças relevantes entre este posicionamento e os mais qualificados na classe, autorizando uma reflexão aprofundada sobre os efeitos materiais e simbólicos da dominação no interior de um posicionamento sensível do espaço social]

Jürgen Kocka

1989 - *Les Employés en Allemagne 1850-1980 : histoire d'un groupe social*, Paris, Éditions de l'EHESS.

[Clássico da história das classes sociais, o presente livro constitui um bom instrumento de trabalho para quem quiser documentar-se na história dos empregados e das suas margens de afirmação na maior economia capitalista da Europa]

Michèle Lamont

1992 - *Money, Morals and Manners: the culture of the French and American upper-middle classes*, Chicago, Chicago University Press.

[Estudo etnográfico comparado sobre a cultura dos mais privilegiados no interior dos posicionamentos intermédios, prolonga várias das interrogações dos autores do estudo central discutido no seminário e aplica-as no quadro de um trabalho mais

orientadamente qualitativo a entrevistados americanos e franceses. A sua leitura é obrigatória para quem queira especializar-se no estudo das classes médias]

Nonna Mayer

1986 - *La Boutique contre la gauche*, Paris, Presses de la FNSP.

[Ainda que seja um estudo de sociologia política, o conjunto de interrogações formulado pela autora possui grande interesse para a compreensão do habitus do pequeno-burguês proprietário e para a relação que neste posicionamento se estrutura entre propriedade económica e tomada de posição política. Para quem se interessar pela pequena-burguesia e pelo estudo sociológico das filiações políticas, este estudo é de leitura obrigatória. A sua leitura e discussão produzem, seguramente, um debate rico e heurístico]

Derek Wynne

1998 - *Leisure, Lifestyle and the New Middle Class. A case study*, Londres, Routledge.

[Livro desenvolvido a partir de um trabalho de campo num condomínio recentemente construído e habitado por membros das novas classes médias britânicas, o presente estudo, inspirado na teorização de Pierre Bourdieu, procura aprofundar argumentos teórico-empíricos em torno da relevância da definição da classe enquanto estilo de vida. Debatendo vários dos assuntos centrais na mais recente teoria sociológica das classes, da morte das classes ao pós-modernismo, passando pelo lugar do consumo na produção identitária e pelo individualismo, o trabalho apresenta informação pertinente sobre os processos de divisão social e simbólica no interior das novas classes médias e conclui sobre as modalidades de produção a que o posicionamento está sujeito. Um livro a estudar por quem quiser analisar, a partir de um estudo de caso, as relações entre novas classes médias, lazeres e consumos]

Programa de Leituras para a Lição nº 12:

Mike Savage; James Barlow; Peter Dickens e Tony Fielding

1995 [1992] - *Property, Bureaucracy and Culture: middle-class formation in contemporary Britain*, London, Routledge.

Lições nº 13 e nº 14

Tema : Para um programa *racionalista aplicado* de investigação sociológica em torno das relações entre espaço social, trabalho de simbolização e espaço físico.

Sumário Desenvolvido

4. Para um programa *racionalista aplicado* de investigação sociológica em torno das relações entre espaço social, trabalho de simbolização e espaço físico.

4.1. Divisões sociais e princípios de divisão do mundo: contributos para uma sociologia da formação do campo das classes sociais na região do Vale do Sousa e das suas incidências na (re)produção dos habitus de classe locais.

4.2. Classes, simbolização e espaço físico: contributos para uma sociologia da cidade do Porto.

(i) O seminário de especialização produzido visa, fundamentalmente, permitir uma iniciação ao conhecimento aprofundado de grandes investigações sociológicas sobre as dinâmicas da (re)produção das diferentes classes sociais nas sociedades contemporâneas. Uma vez efectuado o percurso que foi sumariamente apresentado, coloca-se, na perspectiva aqui sustentada, a necessidade de proceder a uma pequena sistematização do mesmo. Contudo, mais do que um balanço formal, pensamos que será pedagogicamente útil permitir aos estudantes um confronto entre as opções teóricas de fundo que foram sendo discutidas ao longo do seminário em cada uma das suas lições e as opções que o professor do seminário tem realizado no quadro das investigações que tem vindo a desenvolver no interior das equipas de investigação que integra.

Tomando por referência este propósito, que, mais uma vez, visa permitir um contacto com a investigação a partir dos problemas que se colocam no quadro do seu desenvolvimento concreto e quotidiano (aquilo a que Paul Willis e Loïc Wacquant

chamam na revista *Ethnography*, que dirigem, *the ethnographer's kitchen*), as duas lições finais colocam dois problemas sociológicos fundamentais que têm vindo a ocupar o centro dos programas de investigação desenvolvidos pelo docente nos últimos anos.

O trabalho pedagógico a desenvolver passará, por isso, pela discussão de resultados de investigação sociológica efectuada nas regiões do Vale do Sousa e na cidade do Porto.

(ii) No caso da investigação desenvolvida na região do Vale do Sousa, o eixo central da discussão pedagógica e científica passará pelo trabalho em torno do processo de formação de um campo regional das classes sociais definido pela actividade industrial. Tomando por referência específica o caso do concelho de Penafiel, que ocupará, através da revisitação sociológica efectuada à freguesia de Fonte Arcada, o centro da discussão, será ensaiada a conceptualização do processo que conduziu à sua determinação pela indústria da construção civil. Retomando as linhas de investigação formuladas nos trabalhos já citados em lições prévias deste seminário de José Madureira Pinto e João Ferreira de Almeida, será, assim, analisado o processo de transformação do campesinato local e as modalidades, nem sempre homogéneas, da sua reconversão no operariado industrial. Para além das incidências da transformação no plano material, o horizonte de discussão implicará a mobilização das suas consequências no plano simbólico.

(iii) No caso da investigação dedicada à cidade do Porto, procura-se proceder a uma análise dos processos de formação das classes sociais na cidade. Recorrendo a informação sociológica já publicada e a outra que tem vindo a ser construída ao longo dos últimos anos, procede-se a uma identificação das propriedades actantes no interior de cada uma das posições e documentam-se as margens de variação que estas conhecem, na perspectiva de sistematizar conhecimentos sobre a relação entre hierarquização material e simbólica na estruturação da cidade. Em articulação com essa análise, demonstra-se o relevo das vinculações espaciais na sua definição e o peso, na história citadina mais recente, das intervenções políticas estatais (e das lutas em torno destas) na reprodução das suas propriedades gerais.

Sessões de orientação tutorial nº 13 e nº14

Tomando por referência os argumentos teóricos e os elementos empíricos sustentados no seguinte conjunto de textos, serão documentadas e discutidas propriedades sociais detalhadas das formações sócio-espaciais em análise.

João Queirós e José Madureira Pinto

2008 - “Estruturas produtivas, escolarização e desenvolvimento na região do Vale do Sousa. Análise da reprodução da condição social periférica numa região metropolitana portuguesa”, *Cadernos de Ciências Sociais*, 25/26, pp. 309-355.

Ester Silva e Virgílio Borges Pereira

2008 - “Actividade económica e formação de classes na região do Vale do Sousa (1950-2001): considerações preliminares para a respectiva conceptualização”, *Cadernos de Ciências Sociais*, 25/26, pp. 357-390.

José Madureira Pinto e Virgílio Borges Pereira

2007 - “Classes, relações de habitus e efeitos de lugar: um estudo sobre sociabilidades, estilos de vida e anomia no centro do Porto”, *Cadernos de Ciências Sociais*, 24, 2007, pp. 113-148.

Virgílio Borges Pereira

2001 - “O Porto em alguns dos seus diferentes *estados*”, in Pinheiro, M.; Baptista, L.; Vaz, M^a. J. (Orgs.) - *Cidade e Metrópole. Centralidades e marginalidades*, Oeiras, Celta, pp. 17-37.

Programa geral de leituras para as lições nº 13 e 14:

Para além da mobilização aplicada dos autores e das suas obras discutidos nas lições anteriores do seminário, supõe-se a leitura de:

José Madureira Pinto e João Queirós (Orgs.)

- *Ir e Voltar: sociologia de uma colectividade local do noroeste português (1977-2007)*, 1º volume, Porto, Afrontamento, no prelo.

José Madureira Pinto e Virgílio Borges Pereira (Orgs.)

- *Ir e Voltar: sociologia de uma colectividade local do noroeste português (1977-2007)*, 2º volume, Porto, Afrontamento, no prelo.

[Entre os textos já disponíveis que integram os trabalhos em causa, será efectuada uma selecção que será fornecida aos estudantes e que estes deverão ler para se documentarem nos assuntos discutidos no âmbito da primeira das duas lições finais]

Virgílio Borges Pereira

2005 - *Classes e Culturas de Classe das Famílias Portuenses. Classes sociais e modalidades de estilização da vida na cidade do Porto*, Porto, Afrontamento.

[Leitura a efectuar na preparação da última lição; bibliografia mais específica será fornecida no desenvolvimento da mesma]